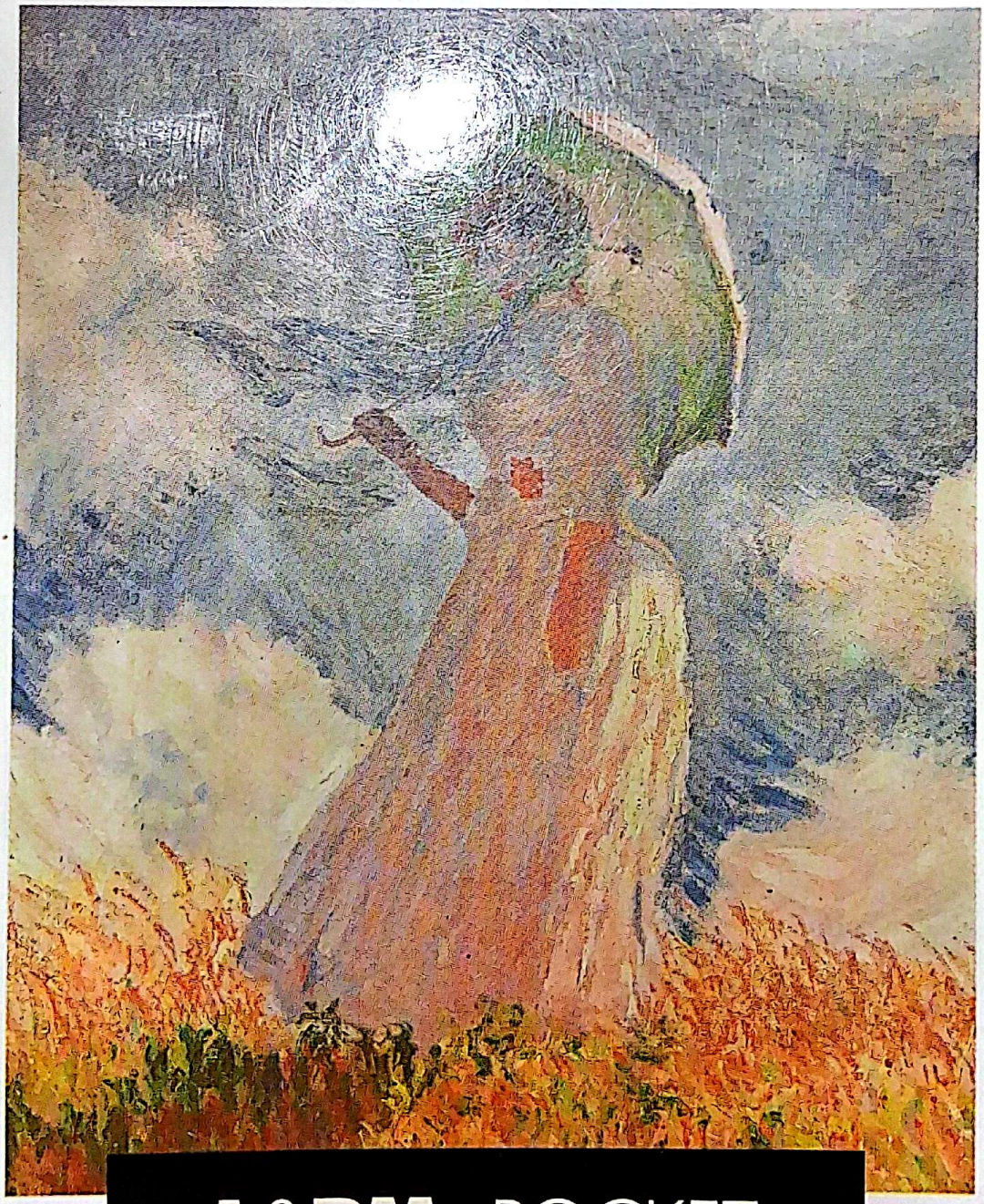
NOVELA

Horacio Quiroga

R$ 5,00

UMA ESTAÇÃO DE AMOR

seguido de **Dorothy Phillips, minha esposa**



L&PM POCKET

Digitalizado com CamScanner

UMA ESTAÇÃO DE AMOR

Horacio Quiroga

Nestas duas histórias, Horacio Quiroga aprofunda-se em seu tema recorrente: as relações amorosas. Em *Uma Estação de Amor*, o amor ardente entre dois jovens contraposto aos preconceitos e à mesquinhez dos adultos, numa trama exasperada pelas manobras sórdidas, pela morfina e pelo sexo que não contenta. Em *Dorothy Phillips*, a paixão delirante de um homem comum por uma famosa atriz, na época em que o cinema dava seus primeiros passos. Em ambas, a imaginação febril e a força narrativa de um dos maiores autores latino-americanos de todos os tempos.

(Sobre Horacio Quiroga e sua obra, veja neste livro a introdução de Pablo Roca)

TEXTO INTEGRAL

L&PM POCKET

Procure nas últimas páginas deste livro os lançamentos da Coleção L&PM Pocket

ISBN 85-254-0980-4

9 788525 409805

NOVELA

UMA ESTAÇÃO DE AMOR - Horacio Quiroga

164 L&PM

Horacio Quiroga

R$ 5,00

UMA ESTAÇÃO DE AMOR

seguido de **Dorothy Phillips, minha esposa**

L&PM POCKET

Digitalizado com CamScanner

HORACIO QUIROGA

UMA ESTAÇÃO DE AMOR

SEGUIDO DE

Dorothy Phillips, minha esposa

TRADUÇÃO DE SERGIO FARACO

POSFÁCIO DE PABLO ROCCA

KEULA ARAÚJO
Acervo pessoal
/ ____ /

L&PM POCKET

Digitalizado com CamScanner

Coleção L&PM Pocket, vol. 164

Capa: L&PM Editores sobre *Ensaio ao ar livre*, Monet (1886)
Tradução: Sergio Faraco
Revisão: Sergio Faraco
Produção: Jó Saldanha e Lúcia Bohrer

ISBN: 85.254.0980-4

Q8c Quiroga, Horacio, 1878-1937.
Uma estação de amor / Horacio Quiroga; tradução de Sergio Faraco. -- Porto Alegre: L&PM, 1999.
126 p. ; 17 cm -- (Coleção L&PM Pocket)

1.Ficção uruguaia-novelas . I. Título. II. Série.

CDD U869.3
CDU 869.0(81)-32

Catalogação elaborada por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

© L&PM Editores, 1999

Todos os direitos desta edição reservados à L&PM Editores S/A
Porto Alegre: Rua Padre Chagas 185/1102 - 90570-080 - RS
Fone: (051) 222.9664 Fax: (051) 222.9660
São Paulo: Rua Catão 559 - Lapa - 05049-000 - SP
Fone: (011) 38720233

Impresso nas oficinas gráficas da L&PM Editores S/A
Brasil - 1999

Digitalizado com CamScanner

Sumário

Uma estação de amor / 5

Dorothy Phillips, minha esposa / 43

Posfácio / 97

Cronologia / 115

Fredda
10-99

Digitalizado com CamScanner

Uma estação de amor

Digitalizado com CamScanner

PRIMAVERA

Era terça de carnaval. Nébel acabava de entrar no corso e, enquanto abria um pacote de serpentinas, olhou para o carro que ia na frente. Estranhando um rosto que não vira na tarde anterior, perguntou aos companheiros.

– Quem é? Não é feia.

– Feia? Belíssima, uma perdição. É sobrinha ou coisa parecida do dr. Arrizabalaga. Dizem que chegou ontem.

Nébel considerou atentamente a formosa criatura. Era uma menina ainda, talvez com não mais do que quatorze anos, mas já com um corpo de mulher. Tinha sob o cabelo escuro um rosto de suprema brancura, dessa seda alabastrina que é patrimônio exclusivo das cútis muito finas. Olhos azuis, puxados, que entre pestanas negras avançavam para as têmporas, e um pouco separados, o que dá, sob uma testa

Digitalizado com CamScanner

lisa, ar de nobreza ou de grande obstinação. Mas tais olhos, assim como eram, iluminavam-lhe o rosto loução com a luz de sua beleza. E Nébel, ao senti-los por um momento fitos nos seus, ficou fascinado.

– Que loucura – murmurou, estático, ajoelhado no banco do *surrey.*[1]

E logo as serpentinas começaram a voar na direção da vitória[2]. Os dois carros ficaram ligados por uma ponte pênsil de tiras de papel e, de quando em quando, aquela que a causara sorria para o galante rapaz.

O assédio já aparentava falta de consideração para com os passageiros e cocheiros do outro carro: as serpentinas choviam sem cessar. E tanto que, na vitória, as duas pessoas sentadas se voltaram – se bem que sorrindo – para ver quem era o esbanjador.

– Quem são? – perguntou Nébel em voz baixa.

– O dr. Arrizabalaga, não o conheces. A mulher é mãe da menina, cunhada do doutor.

---

[1] No original, em inglês. Antiga carruagem de quatro rodas e dois assentos. NT

[2] Carruagem de quatro rodas, para dois passageiros, com toldo dobrável e o assento alto do cocheiro. NT

Digitalizado com CamScanner

Arrizabalaga e a senhora acharam graça daquela exuberância da juventude e então Nébel achou-se no dever de cumprimentá-los. E o terceto respondeu com jovial condescendência.

Esse foi o início de um romance de três meses, no qual Nébel empregou toda a paixão de que era capaz sua ardente adolescência.

Enquanto durou o corso – e em Concórdia ele vai até horas incríveis –, Nébel continuou jogando serpentinas e usou tanto o braço que o punho da camisa, desabotoado, esvoaçava sobre a mão dele.

No dia seguinte a cena repetiu-se.

O corso era retomado à noite, com a guerra das flores, e Nébel, em apenas um quarto de hora, esvaziou quatro grandes cestas. Arrizabalaga e a senhora sorriam, seguidamente olhando para trás, e a menina quase não desviava os olhos de Nébel. Este lançou um olhar de desespero às cestas vazias. Sobre o banco do *surrey*, no entanto, restavam ramos de sempre-vivas e de jasmins da região. Apanhou-os, saltou sobre a roda do carro, por pouco não machucando os tornozelos, e correu até a vitória, ofegante, empapado de suor e com o entusiasmo estampado no olhar, para oferecer as flo-

Digitalizado com CamScanner

res à menina. Ela procurou precipitadamente um ramo, para retribuir, mas não encontrou nenhum. Seus acompanhantes se divertiam.

– Bobinha – disse a mãe. – Tens um aí no peito!

A vitória arrancara a trote. Nébel, que descera do estribo, aflito, correu e alcançou o ramo que a jovem lhe oferecia, com o corpo pendendo para fora do carro.

Nébel havia chegado três dias antes de Buenos Aires, onde concluía seu bacharelato. Estudara durante sete anos na capital, de modo que seu conhecimento da atual sociedade de Concórdia era mínimo. Deveria permanecer ainda quinze dias em sua cidade natal, desfrutados com toda a tranqüilidade, senão do corpo, ao menos da alma. E já no segundo dia perdia o seu sossego. Mas, em troca, que loucura!

– Que loucura! – repetia-se, pensando naquele raio de luz, raio de flor e de carne feminina que o atingira desde o outro carro.

Estava inteiramente fascinado. E apaixonado, claro.

E se ela quisesse!... Quereria? Nébel, ao pesar essa questão, acreditava menos no ramo que ela lhe dera e mais na precipitação aturdida com que o buscara. Evocava nitidamente o

Digitalizado com CamScanner

brilho dos olhos dela quando o vira chegar correndo, a ansiedade com que o esperara. E também, por certo, a delicadeza do seio dela, quando alcançara o ramo. E agora.... tudo terminado? Ela iria embora no dia seguinte para Montevidéu. Que lhe importava o resto – Concórdia, seus amigos de antigamente e até seu pai? Iria com ela, ao menos até Buenos Aires.

De fato, viajaram juntos, e Nébel, no trajeto, chegou ao mais alto grau de paixão que pode arrebatar um romântico moço de dezoito anos que se sente amado. A mãe acolheu o quase infantil namoro com afável complacência e amiúde ria-se ao ver como falavam pouco, sorriam e se olhavam sem parar.

A despedida foi breve, Nébel desistiu de continuar atrás dela para não perder o último vestígio de sua sensatez.

Elas regressariam a Concórdia no inverno, talvez por toda a temporada. E ele? Regressaria também? "Imagina se não", e enquanto se afastava lentamente pelo cais, voltando-se a cada instante, ela, debruçada na amurada, seguia-o com o olhar. Na prancha de embarque, os marinheiros gracejavam daquela cena e espiavam o vestido curto da terna namorada.

Digitalizado com CamScanner

VERÃO

I

A 13 de junho Nébel voltou a Concórdia e mesmo sabendo, desde o primeiro instante, que Lídia estava na cidade, passou uma semana sem se preocupar com ela. Quatro meses é tempo demais para um relâmpago de paixão e tão-só na água adormecida de sua alma um último clarão lograva encrespar-lhe o sentimento. Sentia, sim, curiosidade de vê-la. Um pequeno incidente, espicaçando sua vaidade, arrastou-o outra vez.

No primeiro domingo, Nébel, como todo moço do interior, esperou na esquina a saída da missa. Lídia e sua mãe, saindo por último da igreja, passaram tesas e sobranceiras entre as alas de rapazes.

Nébel, ao vê-la, sentiu que seus olhos se dilatavam para sorver em toda a plenitude aquela pessoazinha que, de repente, ele tornava a amar. Esperou com ânsia quase dolorosa o momento em que os olhos dela o reconhecessem no meio do grupo, com um brilho de ditosa surpresa.

Ela passou e o olhar dela era frio, distante.

– Parece que não se lembra mais de ti – disse o amigo ao lado.

Digitalizado com CamScanner

– Não muito – e ele sorriu. – É pena, ela me agradava.

Quando ficou só, deplorou sua desgraça. Agora que tornara a vê-la! Ah, como a amava, como a amara sempre! E pensar que acreditava nem lembrar-se dela! E tudo acabado... Fim, fim, fim – repetia sem dar-se conta –, fim, tudo acabado!

E de repente: "E se não me viram? Claro! Não me viram!" Admitiu essa vaga probabilidade como uma certeza e seu rosto se animou. Decidiu que, às três da tarde, iria à casa do dr. Arrizabalaga. Sua idéia era elementar: faria uma consulta qualquer ao advogado e talvez pudesse vê-la.

E lá foi.

Uma súbita corrida no pátio respondeu à batida, e Lídia, para conseguir parar, teve de esbarrar na porta envidraçada. Vendo-o, deixou escapar uma exclamação e, ocultando com os braços a pouca roupa, fugiu mais velozmente ainda.

Um instante depois a mãe abria a porta do escritório e recebia o antigo conhecido com mais viva complacência do que quatro meses antes. Nébel não cabia em si de contente. E mais ainda porque a senhora não parecia preo-

Digitalizado com CamScanner

cupada com o deslinde de suas dúvidas jurídicas: ele preferia, um milhão de vezes, a companhia dela à do advogado.

Contudo, pisava em brasas de uma felicidade demasiado ardente. Nos seus dezoito anos, desejava ir embora logo para gozar sozinho, sem constrangimentos, sua imensa ventura.

– Já vai? – perguntou a senhora. – Espero que tenhamos o prazer de vê-lo outra vez...

– Com toda a certeza!

– Aqui em casa, todos ficaríamos encantados. Suponho que todos, não é? Quer que consulte? – e sorriu com maternal zombaria.

– Ah, sim, gostaria muito, muito mesmo.

– Lídia! Vem cá um momento! Está aqui alguém que conheces.

Lídia apareceu quando ele já estava de pé. Avançou ao encontro de Nébel com os olhos cintilantes e lhe ofereceu um ramo de violetas, com adorável delicadeza.

– Se não for incômodo – prosseguiu a mãe –, podes vir todas as segundas. O que achas?

– Que é muito pouco, senhora. Nas sextas também... se me permite.

Ela riu.

– Que apressado! Bem, eu não sei. Vejamos o que diz Lídia. O que achas, Lídia?

Digitalizado com CamScanner

A menina, que não afastava seus olhos risonhos de Nébel, disse-lhe sim em pleno rosto, uma vez que a ele devia a resposta.

– Muito bem. Então até segunda, Nébel.

Ele objetou:

– Não me permitiria vir esta noite? Hoje é um dia extraordinário.

– Bem, esta noite também. Acompanha-o, Lídia.

Mas Nébel, numa louca necessidade de movimento, despediu-se ali mesmo e fugiu com seu ramo, cujo caule já quase esmagara, e com a alma projetada ao mais alto céu da felicidade.

II

Durante dois meses, em todos os momentos que se viram e em todas as horas que se separaram, Nébel e Lídia se adoraram. Para ele, romântico ao ponto de sentir uma dolorosa melancolia quando uma simples garoa grisava o pátio, aquela criatura, com seu rosto angelical, seus olhos azuis e sua prematura plenitude, encarnava o retrato possível do ideal. Para ela, Nébel era varonil, bonito, inteligente. No amor dos dois havia tão-só uma nuvem: a

Digitalizado com CamScanner

menoridade de Nébel. O rapaz, deixando de lado estudos, carreira e demais superfluidades, queria casar-se. E tinha duas coisas como certas: que era *absolutamente* impossível viver sem Lídia e que levaria de roldão tudo o que a isso se opusesse. Pressentia – ou melhor, sentia – que haveria de tropeçar rudemente.

De fato, seu pai – que se desgostara sobremaneira com o ano perdido de Nébel, por causa de um namorico de carnaval – sem demora poria os pontos nos is com tremenda energia.

Em fins de agosto ele resolveu ter uma conversa definitiva com o filho.

– Me disseram que continuas freqüentando a casa de Arrizabalaga. É verdade? Pergunto, porque tu mesmo não te dignas de me comunicar coisa alguma.

Nessa alusão à dignidade Nébel viu toda a tormenta que se armava e, ao responder, a voz lhe tremeu:

– Não te disse nada, papai, porque sei que não gostarias de falar nisso.

– Se esperas que eu venha a gostar, poupa tua saliva. Mas quero saber da tua situação. Vais a essa casa como namorado?

– Sim.

Digitalizado com CamScanner

– E te recebem nessa condição?

– Acredito que sim.

O pai o olhou fixamente, os dedos tamborilando na mesa.

– Muito bem! Então escuta, tenho o dever de te orientar. Sabes bem o que estás fazendo? Já pensaste no que pode acontecer?

– Acontecer? Como assim?

– O que pode acontecer, obviamente, é te casares com essa moça. Pensa bem, já tens idade para ao menos refletir sobre o que estás fazendo. Sabes quem são? De onde vêm? Conheces alguém que esteja a par do tipo de vida levam em Montevidéu?

– Papai!

– Sim, como é que vivem? Não faz essa cara, não me refiro à tua namorada. Ela é uma criança e não compreende certas coisas. Sabes como vivem?

– Não, e não me importa... e ainda que sejas meu pai...

– Ora, ora, ora, deixa isso pra lá. Não te falo como pai, mas como qualquer homem honrado te falaria. E já que te indignaste tanto com o que perguntei, pergunta tu a quem quer que seja que tipo de relações tem a mãe da tua namorada com o cunhado. Pergunta!

Digitalizado com CamScanner

– Eu sei, ela...

– Ah, já sabes que ela foi amante de Arrizabalaga? E que ele ou outro qualquer sustenta a casa de Montevidéu? E ficas aí como se nada...?

– ...

– É claro, tua namorada não tem nada a ver com isso. E não há impulso mais bonito do que esse teu. Mas, cuidado, que podes chegar tarde, hem? Não, não, te acalma! Não quero ofender a moça, acho até que ainda não está contaminada pela sujeira que a cerca. Mas se a mãe quer vender a filha em casamento, pensando na fortuna que vais herdar quando eu morrer, diz a ela que o velho Nébel não está disposto a topar essa transação. E mais: quero ir pro inferno se aceitar esse casamento. Não tenho nada mais pra te dizer.

O rapaz queria muito o velho pai, relevando-lhe o gênio, mas saiu dali agastado por ter contido sua revolta, tanto mais violenta quanto a sabia injusta. Fazia tempo que sabia de tudo. A mãe de Lídia tinha sido amante de Arrizabalaga em vida de seu marido e até quatro ou cinco anos depois. Encontravam-se lá uma vez que outra. Agora o velho libertino, recolhido em sua artrite de solteirão enfermiço,

Digitalizado com CamScanner

estava muito distante de ser da cunhada aquilo que se pretendia. E se cuidava da manutenção de mãe e filha, fazia-o por uma espécie de gratidão de ex-amante e, principalmente, para convalidar os boatos atuais que enfunavam sua vaidade.

A mãe...

E com um estremecimento de rapaz louco por mulheres casadas, Nébel lembrou-se de certa noite em que, encostado nela, folheando ambos, inclinados, um exemplar de *Illustration*, ele acreditara sentir em seus nervos subitamente tensos o sopro do desejo que vinha daquele corpo maduro. Ao voltar-se, vira o olhar dela, como embriagado, pousar pesadamente no seu.

Enganara-se?

Ela era terrivelmente histérica, mas com raras crises explosivas. Quando os nervos desordenados se agitavam, sobrevinha a doentia insistência num disparate ou o súbito abandono de uma convicção. E no pródromo das crises, a obstinação crescente, convulsiva, edificando-se com grandes blocos de absurdos. Abusava da morfina por ansiosa necessidade e por elegância. Tinha trinta e sete anos. Era alta, com lábios muito grossos e rubros que umedecia sem

Digitalizado com CamScanner

cessar. Sem ser grandes, seus olhos pareciam grandes por causa do feitio e das pestanas compridas, mas eram admiráveis pelo seu teor de sombra e fogo. Pintava-se. Vestia-se com perfeito bom gosto, como a filha, e era esta, sem dúvida, sua maior sedução. Teria sido uma mulher encantadora, mas a histeria trabalhara em seu corpo e tinha problemas renais. Quando se atenuava a chicotada da morfina, seus olhos se empanavam e, da comissura dos lábios, das pálpebras globosas, pendia um fino emaranhado de rugas. No entanto, a mesma histeria que desfazia seus nervos era o alimento um pouco mágico que nutria sua tonicidade.

Amava intensamente a Lídia e, com o arrivismo das burguesas histéricas, não hesitaria em aviltar a filha para fazê-la feliz, isto é, para proporcionar-lhe aquilo que teria feito a sua própria felicidade.

Por isso, a preocupação do pai tocava Nébel em sua mais recôndita corda de amante. Como Lídia pudera escapar? E então a limpidez de sua cútis, a franqueza de sua paixão de menina que surgia com adorável liberdade nos olhos brilhantes – mais do que uma prova de pureza –, eram o degrau de nobre gozo pelo qual Nébel subia triunfalmente, para arrancar

Digitalizado com CamScanner

da planta apodrecida, com um manotaço, a flor que clamava por ele.

Esta convicção era tão forte que Nébel jamais a beijara. Uma tarde, depois de almoçar, passou em frente da casa de Arrizabalaga e sentiu um louco desejo de vê-la. Sua sorte foi completa, pois encontrou-a só, de roupão, cabelos escorridos no rosto. Nébel a reteve e ela, rindo, trêmula, encostou-se no muro. E o rapaz à sua frente, quase encostado nela, sentiu nas mãos inertes a alta felicidade de um amor sem manchas e que teria sido tão fácil manchar.

Logo a teria, quando fosse sua esposa!

E apressava o que podia o casamento. Sua habilitação de idade, alcançada naqueles dias, permitia que, com a legítima materna, fizesse frente aos gastos. Faltava o consentimento do pai e a mãe de Lídia insistia nesse detalhe.

A situação dela, sobradamente equívoca em Concórdia, exigia uma sanção social que deveria começar pela do futuro sogro de sua filha. Estimulava-a, sobretudo, o desejo de humilhar, de obrigar a moral burguesa a dobrar o joelho diante da mesma inconveniência que desprezara. Já várias vezes tocara no assunto com o futuro genro, aludindo ao "meu sogro"... "minha nova família"... "a cunhada de minha

Digitalizado com CamScanner

filha"[3]. Nébel se calava e os olhos da mãe, então, brilhavam com mais fogo.

Um dia a chama se levantou. Nébel marcara o casamento para o dia 18 de outubro, à noite. Faltava mais de mês, mas a mãe deu a entender claramente ao rapaz que exigia a presença do pai na solenidade.

– É difícil – disse Nébel, depois de um mortificante silêncio. – Não faz bem pra ele sair à noite... nunca sai...

– Ah! – fez a mãe, mordendo o lábio. E depois de uma pausa de quem desconfia: – Porque não vais fazer um casamento clandestino, vais?

– Não, não – sorriu dificilmente Nébel –, meu pai também não pensa assim.

– E então?

Novo silêncio ainda mais tempestuoso.

– É por minha causa que teu pai não quer assistir?

– Por favor, senhora! – exclamou Nébel, com impaciência. – Ele é assim... Posso falar outra vez com ele, se a senhora quiser.

---

[3] O pai de Nébel seria o sogro de Lídia e não de sua mãe; e Nébel não possui a irmã que seria a cunhada de Lídia. Em edições uruguaias, argentinas e mexicanas foram encontradas as mesmas expressões. NT

Digitalizado com CamScanner

– Se eu quiser? – e ela sorriu, dilatando as narinas. – Faz o que achares melhor. Poderias ir agora, Nébel? Não me sinto bem.

Nébel foi embora profundamente desgostoso. O que haveria de dizer ao pai? Este continuava opondo-se radicalmente ao casamento e ele, Nébel, já havia empreendido todas as gestões para prescindir de sua anuência.

– Podes fazer isso e tudo o que quiseres. Mas não terás jamais meu consentimento pra que essa amancebada seja tua sogra.

Três dias depois Nébel decidiu terminar de vez com aquele impasse e aproveitou um momento em que Lídia não estava.

– Falei com meu pai e ele me disse que definitivamente não poderá assistir.

A mãe empalideceu e seus olhos piscaram com um súbito fulgor.

– Ah! E por quê?

– Não sei – respondeu Nébel, com voz surda.

– Isso significa que... ele tem medo de se sujar se põe os pés aqui?

– Não sei – ele repetiu, obstinado.

– Então... é uma ofensa gratuita que nos faz esse senhor? O que ele está pensando? – e

Digitalizado com CamScanner

a voz já se alterava, os lábios tremiam. – Quem ele pensa que é?

Nébel sentiu a chibatada na cepa profunda de sua família.

– O que ele é, não sei – disse, precipitadamente –, mas não só se nega a assistir como se recusa a dar seu consentimento.

– Como? Ele se recusa? E por quê? Quem é ele? E logo ele, que tudo se permitiu?

Nébel se levantou:

– A senhora não...

Mas ela também se levantara:

– Sim, sim! Tu és uma criança! Pergunta pra ele de onde tirou sua fortuna. Roubada dos clientes! E dando-se ares! Sua família decentíssima, sem mancha... e enche a boca com isso! Sua família! Pergunta quantos muros ele precisava pular para dormir com sua mulher, antes de casar! E agora vem com essa...! Muito bem, vai-te embora! Estou até aqui com essas hipocrisias! Vai! Vai!

III

Nébel passou quatro dias em desespero. O que podia esperar depois daquela cena? No quinto, ao anoitecer, recebeu um bilhete:

Digitalizado com CamScanner

Octávio:

Lídia está adoentada e só tua presença poderá ajudá-la.

Maria S. de Arrizabalaga

Era um artifício, sem dúvida. Mas se sua Lídia, realmente...

Nessa noite a mãe o recebeu com uma discrição que o assombrou: sem afabilidade excessiva e tampouco com ares de pecadora a pedir desculpas.

– Se quiseres vê-la...

Nébel entrou com a mãe e deu com sua amada na cama, pernas encolhidas, no rosto aquele viço que é apanágio dos quatorze anos.

Sentou-se ao lado dela. Em vão a mãe esperou que conversassem: só se olhavam e sorriam.

Em seguida Nébel deu-se conta de que estavam sós. E a manobra da mãe lhe surgiu com nitidez: ela saía para que, no transporte de seu amor reconquistado, ele perdesse a cabeça e, depois, ficasse obrigado a casar. Mas nesse quarto de hora de prazer que lhe ofereciam adiantado em troca de uma promissória, a do casamento, o rapaz de dezoito anos sentiu – como na outra vez, contra o muro – o encan-

Digitalizado com CamScanner

to sem manchas de um amor puro em toda a sua aura de poético idílio.

Somente Nébel poderia dizer como foi grande sua felicidade salva do naufrágio. Relevava aquilo que, na mãe, fora uma explosão de calúnia, ânsia raivosa de insultar quem não merecia, mas estava friamente decidido a afastá-la de sua vida, tão logo se casasse. A lembrança da terna noiva pura e sorridente na cama, onde um espaço lhe fora reservado, acendia a promessa de uma sensualidade sem limites, da qual não havia roubado, prematuramente, nem um só diamante.

Na noite seguinte, ao chegar à casa de Arrizabalaga, Nébel viu o saguão com as luzes apagadas. Depois de um longo momento, a criada abriu a janela.

– Saíram?.

– Estão indo para Montevidéu. Foram dormir a bordo, em Salto.

– Ah – fez ele, chocado.

Mas ainda havia uma esperança.

– O doutor? Posso falar com ele?

– Não está. Depois do almoço foi para o clube.

Na rua escura, Nébel ergueu e deixou cair os braços com mortal desalento. Acabara-se

Digitalizado com CamScanner

tudo. Sua ventura recuperada um dia antes... perdida de novo e para sempre! Intuía que desta vez não haveria redenção possível. Os nervos da mãe tinham pulado descontroladamente, como teclas, e ele não podia fazer mais nada.

Caminhou até a esquina e dali, imóvel, sob a luz do lampião, contemplou com estúpida fixidez a casa rosada. Deu uma volta na quadra e tornou a parar sob o lampião. Nunca, nunca mais!

Às onze e meia da noite ele continuava ali, indo, voltando, parando.. Depois foi embora e, em casa, carregou o revólver. Uma lembrança o deteve: meses antes havia prometido a um desenhista alemão que, se um dia pensasse em se suicidar, iria vê-lo. Devotava ao velho soldado de Guilherme[4] uma viva amizade, cimentada por longas conversas filosóficas.

Na manhã seguinte, bem cedo, Nébel batia à porta do pobre quarto do alemão. A expressão de seu rosto era suficientemente explícita.

– Chegou a hora? – pressentiu o paternal amigo, estreitando-lhe a mão com energia.

– Sem volta – disse o rapaz, sem olhá-lo.

---

[4] Guilherme I (1797-1888), rei da Prússia e imperador da Alemanha. NT

Digitalizado com CamScanner

O desenhista, com grande calma, contou-lhe seu próprio drama de amor.

– Vai pra casa – concluiu. – Se até às onze não mudares de idéia, virás almoçar comigo, se é que teremos o que comer. E depois farás o que quiseres. Juras?

– Juro – respondeu Nébel.

E, com vontade de chorar, devolveu-lhe o forte aperto de mão.

Em casa, esperava-o um cartão de Lídia:

Amado Octávio:

Meu desespero não pode ser maior, mas mamãe diz que, se me casar contigo, vou sofrer muito. Então achei, como ela acha, que é melhor nos separarmos. Daquela que jura não te esquecer jamais, tua

Lídia

– Tinha que ser assim – exclamou o rapaz, ao mesmo tempo em que via, no espelho, seu rosto desfeito.

A mãe, sem dúvida, inspirara aquela carta, ela e sua maldita loucura! Lídia não tivera alternativa e, transtornada, chorara todo o seu amor ao escrever. Ah, se pudesse vê-la algum dia, dizer-lhe o quanto a havia amado, o quanto a amava agora...

Digitalizado com CamScanner

Tremendo, pegou o revólver na mesinha. Lembrou-se, então, de sua nova promessa e durante longo tempo permaneceu no mesmo lugar, em pé, limpando com a unha, obstinadamente, uma mancha no tambor.

Outono

Numa tarde em Buenos Aires, Nébel acabara de subir no bonde e notou que este se detinha mais do que o habitual. Desviou os olhos do livro que abrira e voltou-se. Uma mulher, com lento e difícil passo, avançava entre os bancos. Nébel tornou ao livro. A dama sentou-se ao seu lado e, ao fazê-lo, fitou-o demoradamente. Nébel, embora sentisse de vez em quando aquele olhar impertinente, prosseguiu na leitura. Por fim, impacientou-se e virou o rosto, intrigado.

– Estava achando que eras tu – exclamou a dama –, mas tinha minhas dúvidas. Não te lembras de mim, não é?

– Me lembro – respondeu Nébel, com os olhos muito abertos. – A senhora de Arrizabalaga.

Ela notou a surpresa de Nébel e sorriu com

Digitalizado com CamScanner

um ar de velha cortesã que se esforça para seduzir um rapaz.

Da mulher que conhecera onze anos antes só restavam os olhos, embora fundos e já sem brilho. A cútis amarela, com tons verdosos nas olheiras, quebrantava-se em sulcos maquiados. Os pômulos eram salientes, e os lábios, sempre grossos, apertavam-se para esconder os dentes cariados. Dentro do corpo consumido intuía-se a morfina correndo solta entre nervos esgotados e artérias aquosas, transformando a elegante mulher que um dia folheara a *Illustration* ao seu lado naquele esqueleto.

– Sim, estou muito envelhecida... e doente. Problemas nos rins... E tu – olhando-o com ternura –, sempre igual! A verdade é que ainda não tens trinta anos. Lídia também está igual.

Nébel ergueu os olhos.

– Solteira?

– Sim! E como vai ficar feliz quando eu contar que te vi! Por que não dás esse prazer à pobrezinha? Por que não vens nos visitar?

– Com muito gosto – ele murmurou.

– Então vai logo, sabes bem o que foste

Digitalizado com CamScanner

pra nós. Enfim... Boedo, 1483, apartamento 14. Nossa localização é tão mesquinha...

– Não diga isso – ele protestou, levantando-se para desembarcar.

E prometeu ir sem demora.

Doze dias depois, já de partida para o engenho, Nébel cumpriu a promessa. Era um miserável apartamento de subúrbio. A senhora de Arrizabalaga o recebeu, enquanto Lídia se arrumava.

– Então... onze anos! – observou de novo a mãe. – Como passa o tempo... E pensar que poderias ter muitos filhos com Lídia!

– É verdade – sorriu Nébel, olhando ao redor.

– Ah, não estamos muito bem. E só imagino como deve ser a tua casa... Sempre ouço falar nos teus canaviais. É o único estabelecimento?

– Sim... bem, há outro em Entre Rios...

– Que felicidade! Se eu pudesse... Ah, estou sempre desejando passar uns meses no campo, e sempre, sempre, fico só com meu desejo...

Calou-se, relanceando Nébel. Este, com o coração apertado, exumava as emoções que, naqueles onze anos, tinham jazido num sepulcro de sua alma.

Digitalizado com CamScanner

– E tudo isso por falta de amizades. Nas condições em que vivemos é tão difícil ter um amigo...

O coração de Nébel se contraía cada vez mais.

E então Lídia entrou.

Ela também estava muito diferente, pois o encanto da candura e do frescor dos quatorze anos já não se encontra numa mulher de vinte e seis. Mas... bela sempre! Seu olfato masculino sentiu naquele pescoço brando, na mansa tranqüilidade do olhar dela e em tudo aquilo que denuncia ao homem o amor já gozado, que deveria guardar para sempre, muito bem guardada, a lembrança da Lídia que conhecera.

Falaram de coisas triviais, com perfeita discrição de pessoas maduras. Quando Lídia saiu por um momento, a mãe recomeçou:

– Sim, está um pouco fraca... E quando penso que no campo em seguida se restabeleceria... Escuta, Octávio, permites que eu seja franca? Sabes bem que sempre te quis como filho... Não poderíamos passar uma temporada em teu estabelecimento? Faria tão bem pra ela!

– Sou casado – disse Nébel.

Digitalizado com CamScanner

A senhora fez um gesto de viva contrariedade e por um instante sua decepção foi sincera. Em seguida cruzou as mãos, teatral:

– Casado! Tu! Oh, que desgraça, que desgraça! Ai, me perdoa, não sei o que digo... E tua esposa vive contigo no engenho?

– Sim, geralmente. Agora está na Europa.

– Que desgraça! Isto é... Octávio! – acrescentou, abrindo os braços e com lágrimas nos olhos. – Pra ti posso contar, pra ti que eras quase um filho... Estamos quase na miséria! Por que não deixas que eu vá pra lá com Lídia? Vou te fazer uma confissão de mãe – concluiu, com um sorriso pastoso e baixando a voz: – Conheces bem o coração de Lídia, não é?

Esperou a resposta, Nébel permaneceu calado.

– Sim, tu a conheces! E Lídia é mulher capaz de esquecer alguém a quem amou?

Reforçava a insinuação com uma piscadela. Nébel avaliou então, num átimo, o abismo em que teria caído antes. Era sempre a mesma mãe, agora envilecida pela própria alma velha, pela morfina e pela pobreza. E Lídia... Ao vê-la outra vez tivera um ímpeto de desejo pela mulher atual de colo opulento e já experimentada. E aceitou o tratado comercial pro-

Digitalizado com CamScanner

posto como uma chance de rara conquista que o destino lhe proporcionava.

– Não sabes, Lídia? – prorrompeu a mãe, alvoroçada, ao ver retornar a filha. – Octávio nos convida para passar uma temporada em seu estabelecimento. O que achas?

Lídia teve uma fugaz contração nas sobrancelhas, mas logo recuperou a serenidade.

– Acho ótimo, mamãe.

– Ah, nem sabes o que me contou! Está casado! Tão moço ainda! Somos quase uma família...

Lídia olhou para Nébel com dolorosa gravidade.

– Faz tempo? – perguntou, num murmúrio.

– Quatro anos – disse ele, em voz baixa.

E não se animou a olhar para ela.

Inverno

I

Não fizeram a viagem juntos – um último escrúpulo de Nébel numa linha férrea onde era muito conhecido. Mas, na saída da

Digitalizado com CamScanner

estação, subiram todos no *brec*[5] do estabelecimento.

Quando Nébel ficava sozinho no engenho, mantinha em seu serviço apenas uma velha índia – tinha ele hábitos frugais e, de resto, sua esposa levava consigo toda a criadagem. À fiel nativa ele apresentou as visitantes como uma velha tia e sua filha, que vinham recobrar a saúde perdida.

Nada mais crível, por sinal, uma vez que a senhora decaía vertiginosamente. Chegara desfeita, mal podendo andar, e no rosto angustiado a morfina – que evitara durante quatro horas seguidas, a pedido de Nébel – pedia aos gritos um mergulho nas entranhas daquele cadáver vivente.

Nébel, que interrompera seus estudos com a morte do pai, sabia o suficiente para prever um rápido desenlace. Os rins, internamente afetados, tinham de vez em quando paradas perigosas, numa progressão que a morfina com certeza acelerava.

Ainda no carro, já não podendo resistir, a dama olhara para Nébel com o rosto transtornado:

---

[5] Na verdade, *breack*, carro de quatro rodas para viagens e excursões. NT

Digitalizado com CamScanner

– Se me permites, Octávio... Não agüento mais! Lídia, fica na minha frente.

A filha, placidamente, ocultou o corpo da mãe, e Nébel ouviu o frufru da saia sendo erguida para a picada na coxa.

Os olhos dela se acenderam e uma plenitude de vida cobriu como uma máscara aquele rosto agônico.

– Agora estou bem... Que felicidade! Me sinto ótima!

– Devia parar com isso – disse Nébel, duramente, e olhando-a de lado. – Ao chegar vai estar pior.

– Ah, não! Preferia morrer aqui mesmo.

Nébel passou todo o dia aborrecido e pretendendo ver em Lídia e sua mãe apenas duas pobres doentes. Mas ao cair da tarde, como as feras – que nessa hora começam a afiar as garras –, o apetite do macho começou a inquietá-lo com demorados calafrios.

Comeram cedo, pois a mãe, cansada, desejava deitar-se sem demora. Não houve jeito de convencê-la a tomar leite.

– Ui, que nojo! Não consigo beber! Queres que eu sacrifique meus últimos anos de vida, agora que posso morrer contente?

Lídia nem pestenejava. Trocara com Nébel

Digitalizado com CamScanner

umas poucas palavras e só no final do café os olhos do rapaz se fixaram nos dela. E ela os seus baixou.

Quatro horas depois, Nébel abria sem ruído a porta do quarto da moça.

– Quem é – ela perguntou, sobressaltada.

– Sou eu – disse ele simplesmente, em voz baixa.

Seguiu sua resposta um movimento brusco, como o de uma pessoa ao sentar-se na cama. Mas quando a mão de Nébel, no escuro, tocou-lhe o braço, o corpo dela se sacudiu numa onda de estremecimentos.

*

Mais tarde, inerte ao lado daquela mulher que conhecera o amor antes que ele tornasse a aparecer, sentiu avolumar-se na mais secreta região da alma o orgulho de sua adolescência, o de nunca ter tocado, nunca ter roubado um beijo sequer da criança que o olhava com radiante candura. Pensou nas palavras de Dostoievski, que até então não tinha compreendido: "Não há nada mais belo e mais intenso na vida do que uma lembrança pura". Nébel guardara essa lembrança sem mancha – pureza imaculada de seus

Digitalizado com CamScanner

dezoito anos – e agora ela jazia ali, enlameada até a raiz, numa cama de empregada.

Sentiu então no pescoço duas lágrimas pesadas, silenciosas. Lídia... ela também haveria de lembrar-se... E as lágrimas de Lídia continuavam uma atrás da outra, regando, como a uma tumba, o abominável fim de seu único sonho de felicidade.

II

Durante dez dias a vida seguiu igual, ainda que Nébel, na maior parte do dia, estivesse fora. Por tácito acordo, Lídia e ele raramente ficavam sozinhos. No meio da noite se encontravam, mas passavam longo tempo calados.

Lídia tinha muito o que fazer, cuidando da mãe, finalmente prostrada. Não havia possibilidade de reconstruir o que fora destruído, mas, considerando os perigos imediatos que a morfina ocasionava, Nébel pensou em suprimi-la. Recuou, porém, numa manhã em que, entrando na copa, surpreendeu Lídia baixando precipitadamente a saia. Tinha na mão uma seringa e fixou em Nébel um olhar de espanto.

– Faz muito tempo que usas? – perguntou ele, por fim.

Digitalizado com CamScanner

– Faz – ela murmurou e, numa convulsão, dobrou a agulha.

Nébel encolheu os ombros.

A mãe passou a renovar as injeções com assombrosa freqüência para atenuar as dores dos rins – que a morfina, afinal, terminava por matar – e Nébel decidiu tentar, mais uma vez, a salvação daquela desgraçada: tomou-lhe a droga.

– Octávio! Vais me matar! – ela gritou, numa súplica rouca. – Meu filho Octávio! Eu não poderia viver um dia!

– A senhora não viverá duas horas, se continuar.

– Não importa, meu Octávio! Me dá, me dá a morfina!

Os braços dela se estenderam inutilmente e ele saiu com Lídia.

– Tens idéia da gravidade do estado de tua mãe?

– Sim... Os médicos avisaram.

– Está muito pior do que imaginas.

Lídia empalideceu. Olhando para fora, afogou um soluço e mordeu os lábios.

– Não há médico aqui por perto?

– Não, nem em dez léguas ao redor, mas vamos dar um jeito de encontrar.

Digitalizado com CamScanner

À tarde, quando estavam os dois sozinhos na copa, chegou o correio e Nébel abriu uma carta.

– Notícias? – perguntou Lídia, inquieta.

– Sim – disse Nébel, continuando a leitura.

– Do médico? – ela tornou, mais ansiosa ainda.

– Não, da minha mulher – ele respondeu com voz dura, sem erguer os olhos.

Às dez da noite, ela entrou no quarto de Nébel.

– Octávio! Mamãe está morrendo!

Correram ao quarto da doente. Uma intensa palidez cadaverizava o rosto dela. Tinha os lábios desmesuradamente inchados e azuis e entre eles se escapava um arremedo de palavras, sons guturais e como de boca cheia:

– Pla... pla... pla...

Nébel viu sobre o criado-mudo o frasco da morfina quase vazio.

– Claro, está morrendo. Como é que isso veio parar aqui?

– Não sei, Octávio! Há pouco ouvi um barulho... Decerto ela foi buscar no teu quarto, quando não estavas. Mamãe, pobre mamãe! – e caiu soluçando sobre o miserável braço que pendia até o chão.

Digitalizado com CamScanner

Nébel tomou-lhe o pulso. O coração fraquejava e a temperatura começava a cair. Em seguida ela emudeceu e na pele apareceram grandes manchas violáceas.

Morreu à uma hora da manhã. À tarde, depois do enterro, Nébel esperou que Lídia terminasse de vestir-se, enquanto os empregados punham as malas no carro.

– Toma – disse-lhe, quando ela chegou ao seu lado.

Era um cheque de dez mil pesos.

Lídia estremeceu e seus olhos vermelhos se fixaram em cheio nos de Nébel. Mas ele sustentou o olhar.

– Toma logo – repetiu, surpreso.

Lídia pegou o papel e abaixou-se para apanhar sua malinha. Nébel então inclinou-se para ela:

– Me perdoa – disse –, não me julga pior do que já sou.

Na estação, ficaram um momento diante do estribo do vagão, sem falar. Quando o sino tocou, Lídia estendeu-lhe a mão, que Nébel reteve em silêncio. E logo, sem soltá-la, abraçou-a e a beijou demoradamente na boca.

O trem partiu. Nébel, imóvel, ficou olhando, mas Lídia não veio à janela.

Digitalizado com CamScanner

Dorothy Phillips, minha esposa

Digitalizado com CamScanner

Pertenço àquele grupo de pobres diabos que, todas as noites, saem do cinema apaixonados por uma atriz. Meu nome é Guillermo Grant, tenho trinta e um anos e sou alto, esbelto e moreno, como convém, para fins de exportação, a um americano do sul. Tenho uma posição apenas regular e gozo de boa saúde.

Vou levando a vida sem me queixar demais, bem pouco descontente com a sorte, até porque tenho podido olhar de frente um par de formosos olhos por todo o tempo que preciso.

Homens há, muito mais respeitáveis do que eu, que reclamam da vida porque ela não lhes deu tempo para o cultivo de belos pensamentos. São pessoas de vasta responsabilidade perante elas mesmas, nas quais não cabe, como coisa possuída ou tão-só compreendida, a frivolidade dos meus trinta e um anos de exis-

Digitalizado com CamScanner

tência. Claro, não escapei de ter minhas amarguras, minhas pequenas frustrações, e minha mente, de vez em quando, foi visitada por alguma reflexão. Mas nunca a angústia e a ansiedade me perturbaram tanto como ao sentir, fixados em mim, dois olhos de grande beleza.

É uma verdade clássica que não há beleza completa se os olhos não se impõem como a primeira qualidade fisionômica. Se eu fosse ditador, decretaria a morte de toda mulher que, presumindo-se bela, tivesse os olhos feios. Há direito para fazer saltar uma sociedade de baixo para cima e o mesmo direito – invertido – para aplastá-la de cima para baixo. Há direito para muitíssimas coisas. Não há, contudo, e creio que nunca haverá, para retirar um título de beleza quando a dama tem olhos de ratão. Não importa que a boca, o nariz e os traços do rosto sejam admiráveis. Faltando os olhos, falta tudo.

"Nos olhos vê-se a alma", disse alguém. E eu acrescento: o corpo também. Por isso, se nomeado presidente de um Comitê de Beleza Pública, levaria ao patíbulo, sem qualquer outro motivo, a dama que postulasse ser bela e tivesse os olhos já citados. E junto com ela, quem sabe, duas ou três amigas.

Digitalizado com CamScanner

Com esta indignação – e os deleites correlatos – passei os trinta e um anos da minha vida esperando, esperando...

Esperando o quê? Só Deus sabe. Talvez o bendito país em que as mulheres não se importassem de fitar longamente os olhos de um homem que vissem pela primeira vez. Pois não há falta de ar, fascinação mais paralisante do que aquela exercida por dois olhos extraordinariamente belos. E é tanta que nem requer que tais olhos nos olhem com amor. Eles sozinhos são o abismo, a vertigem que faz com que o homem perca a cabeça, sobretudo se não consegue mergulhar naquelas profundezas. E isso quando nos olham casualmente. Se o amor chega a ser a causa desse olhar, bem, aí não há loucura que, por eles, não seja digna de ser cometida.

Quem faz estas anotações é um homem de bem, com idéias ajuizadas e ponderadas. O que ele disse pode parecer frívolo, mas não é. Se uma polegada a mais ou a menos no nariz de Cleópatra, segundo o filósofo, teria mudado o mundo, nem quero pensar no que teria acontecido se aquela senhora tivesse os olhos mais belos do que os que teve: o Ocidente deslocado para o Oriente trezentos anos antes – e o resto.

Digitalizado com CamScanner

Sendo como sou, compreende-se muito bem que o advento do cinema tenha sido para mim o começo de uma nova era. Não têm conta as noites seguidas em que saí mareado e pálido do cinema, por ter deixado meu coração, com todas as suas pulsações, naquela tela que, por três quartos de hora, impregnou-se do encanto de Brownie Vernon.

Os pintores odeiam o cinema porque neste, segundo se diz, a luz vibra infinitamente mais do que em seus quadros *cinematográficos*. Eu os compreendo. Mas não sei se eles compreenderiam a vibração que nos sacode a nós, pobres mortais, da cabeça aos pés, quando uma exuberante mulher nos oferece por uma hora, ao alcance de nossa boca, sua própria vibração pessoal.

Não se deve esquecer de que raras vezes na vida nos é dado ver uma mulher tão de perto como na tela do cinema. A mera passagem de uma bela fêmea ao nosso lado já se constitui numa das poucas coisas pelas quais vale a pena retardar o passo, parar, virar a cabeça e... perdê-la. Não abundam essas pequenas felicidades.

Mas que importância tem esse fugaz deslumbramento diante da vertigem continuada, torturante, implacável, de ter a cada noite, a dez

Digitalizado com CamScanner

centímetros, os olhos de Mildred Harris? A dez, cinco centímetros! Pensemos nisso. Como no cinema há também mulheres feias, as pestanas de uma megera, vistas de tal distância, parecem varetas de vime. Mas quando uma formosa atriz detém e descortina o paraíso de seus olhos, que importam toda a vasta sala, a guerra européia, o éter sideral? A única coisa que permanece é o jardim de profunda melancolia que desmaia nos olhos de Miriam Cooper.

Tudo isso é muito certo. Entre outras coisas, o cinema de hoje é um torneio de belezas sumamente expressivas. Há homens que se apaixonaram por um retrato e outros que perderam para sempre a razão por causa de uma mulher que jamais conheceram. Pelo que me toca, tudo o que eu pudesse perder, inclusive a vergonha, não seria quase nada se no fim da aventura Marion Davies – escolho por acaso – se tornasse minha esposa.

Provido dessa sensibilidade um tanto anormal, não é de se estranhar minha assiduidade nas salas de cinema e que geralmente me retire mareado. Em certos maus momentos cheguei a ter duas vidas distintas: uma diurna, em meu escritório e no ambiente normal de Buenos Aires, outra noturna, que vai até o

Digitalizado com CamScanner

amanhecer. Pois eu sonho, sonho sempre. E penso que meus sonhos nada devem ao que sonha qualquer solteiro ou casado.

A tal ponto cheguei que, nessas ocasiões, já não sei com quem sonho: Edith Roberts... Wanda Hawley... Dorothy Phillips... Miriam Cooper...

E este quádruplo paraíso ideal, sonhado, fingido – como quiserem –, é demasiado mágico, demasiado vivo, demasiado rubro para as noites brancas de um chefe de seção do ministério.

Que fazer? Tenho trinta e um anos, já não sou criança. Duas alternativas me restam. Uma delas é deixar de ir ao cinema. A outra...

Aqui um parêntese. Estive duas vezes na iminência de me casar. Nessas duas vezes sofri o indizível pensando, calculando com até quatro casas decimais as chances de felicidade que teria com minhas prometidas. E nas duas vezes desisti.

O problema não estava nelas – alguém dirá –, mas em mim, que acendia o fogo e destilava uma essência ainda não formada. É possível. Mas para algo serviu meu ensaio de química, e o que meditei e tornei a meditar, até me nascerem fios de prata nas têmporas, pode ser re-

Digitalizado com CamScanner

sumido no seguinte apotegma: não há mulher no mundo da qual um homem, mesmo que a conheça desde as fraldas, possa dizer: uma vez casada será assim ou assado, terá tal ou qual temperamento e tais ou quais reações.

Sei de muitos homens que não se enganaram e sei especialmente de outro cuja escolha foi um verdadeiro achado e que me fez esta profunda observação:

– Sou o homem mais feliz do mundo, mas não te cases nunca!

Deixemos de lado este ponto, que se presta a excessivas interpretações, e encerremos com uma legenda que, tanto quanto sei, estava gravada nas portas de uma feliz aldeia da Grécia: "Cada um sabe o que se passa em sua casa".

Daquela convicção deduzi esta outra: a única esperança possível para aquele que resistiu ao casamento até os trinta anos é casar-se imediatamente com a primeira mulher que lhe agrade ou lhe tenha agradado ao passar. Sem saber quem é, nem como se chama e nem quais as probabilidades de que o faça feliz. Ignorando tudo, em suma, menos que seja jovem e tenha belos olhos.

Em dez minutos, no máximo duas horas – o tempo necessário para as formalidades com

Digitalizado com CamScanner

ela ou os pais e mais o registro civil –, a desconhecida de meia hora antes se transforma em nossa íntima parceira.

Pronto. E agora, de cotovelos na escrivaninha, ficamos a meditar sobre o que acabamos de fazer.

Não nos assustemos demais. Uma esposa nessas condições tem tanta chance quanto qualquer outra de nos fazer feliz. A convivência com nossa noiva durante um ou dois anos (na sala, noivas e noivos são muito agradáveis) não é uma garantia infalível de felicidade. Aparentemente, o prévio e demorado conhecimento é uma garantia. Na prática, os resultados são muito diferentes. Por isso, insisto em acreditar que estamos tanto ou mais sujeitos a descobrir bondades numa esposa improvisada do que a ter decepções naquela que nossa madura escolha julgou ideal.

Deixemos de lado isso também. Que sirva, ao menos, para convalidar a grave resolução do autor destas linhas, que depois de tantas inquietudes decidiu casar-se com uma estrela de cinema.

E delas, afinal, o que sei? Nada ou pouco menos do que nada. Vai daí que meu casamen-

Digitalizado com CamScanner

to viria a ser o que foi originariamente: uma conquista, em que a esposa desejada, toda ela – corpo, vestidos, perfumes –, é um verdadeiro achado. Quero crer que o noivo menos devoto de sua prometida conhece, pouco ou muito, o gosto de seus lábios. É um prazer ao qual nada se pode objetar, senão que rouba às bodas o que deveria ser o primeiro doce acanhamento. Mas para o homem que chega às ditas bodas com os olhos vendados, o simples frufru do vestido, cujo toque nunca experimentou, é para ele uma súbita novidade carregada de amor.

Não ignoro que esta minha empresa quase ultrapassa as forças de um homem de posição apenas regular: estrelas dificilmente são alcançadas. Veremos. De momento, enquanto ponho em ordem meus assuntos e obtenho a licença necessária, estabeleço o seguinte quadro, que poderíamos chamar de diagnóstico diferencial:

Miriam Cooper
Dorothy Phillips
Brownie Vernon
Grace Cunard

Digitalizado com CamScanner

O caso Cooper é tão evidente que traz consigo sua sentença: muito magra. E é uma pena, pois os olhos dessa mulher merecem muito mais do que o nome de um pobre diabo como eu. As mulheres magras são encantadores na rua, nas mãos de um costureiro e sempre e toda vez que o objeto a admirar seja não a linha do corpo, mas a do vestido. Fora desses casos, não funcionam.

O caso Phillips é mais sério: essa mulher tem uma inteligência tão grande quanto seu coração, e este, quase tanto quanto seus olhos.

Brownie Vernon: tirante a Cooper, ninguém abriu os olhos ao sol com mais beleza. O mero sorriso dela já é uma aurora de felicidade.

Grace Cunard ostenta em seus olhos mais malícia do que Alice Lake, o que já é dizer muito. Muito inteligente também. Demais, se preferirem.

O autor procura, já se vê, um casamento *pelos olhos*. Daí seu cuidado, pois, reparando bem, uma mão com menos ou mais carne, um ângulo onde a pele deve ser tensa, valem menos do que a melancolia insondável que morre de amor nos olhos de Maria.

Portanto, escolho como esposa Dorothy Phillips. É casada, mas isso não faz diferença.

Digitalizado com CamScanner

O momento é de suma importância. Vivi trinta e um anos, passando por dois noivados que não me levaram a nada. E agora tenho vivo interesse em destilar felicidade – com duplo condensador, desta vez – e no fogo certo.

Pensei em vários planos de campanha, todos dependentes da necessidade de que eu figure como homem de fortuna. A não ser assim, como miss Phillips se inclinaria a aceitar minha mão? Isso sem contar que, antes, precisa se divorciar de seu mau esposo.

Simular é facil, mas não basta. É preciso revestir meu nome de certo conceito no meio artístico, algo que um chefe de seção do ministério em regra não possui. Com isso e a proteção de Deus, que está além das probabilidades lógicas, mudo de estado.

Com tudo que encontrei de *chic* em recortes e uma profusão realmente comovedora de retratos e quadros de atrizes, procurei um impressor.

– Faça um número único desta revista. Quero algo fora do comum em matéria de papel, impressão e luxo.

– E estas notas? – ele consultou. – Três cores?

Digitalizado com CamScanner

– Sem dúvida.

– E aqui?

– O que está vendo.

O homem folheou vagarosamente e me olhou.

– Ninguém vai comprar.

– Eu sei. Por isso eu quero só um exemplar.

– E nem esse vão comprar.

– Vou ficar com ele. Quanto vai custar?

– Um cálculo difícil... Uns oito mil pesos, que podem chegar a dez.

– Muito bem. Dez mil no máximo, por dez exemplares. Está bem assim?

– Para mim, está. Para o senhor, duvido.

– Para mim também está. Use toda a velocidade de suas máquinas.

As máquinas dessa casa impressora são magníficas, mas o que encomendei é algo que pôe à prova suas máximas virtudes: uma revista tipo *L'Illustration* em seu número natalino, mas quatro vezes mais volumosa. Jamais se viu algo parecido numa publicação quinzenal.

De dez mil pesos ou mesmo de cinqüenta eu posso dispor para a campanha, não mais, por isso o meu aristocrático interesse numa ti-

Digitalizado com CamScanner

ragem mínima. E o impressor, por sua vez, tem razão ao questionar a venda de tal número.

Meu plano, contudo, é bem mais simples. Com essa revista na mão, do qual sou diretor, me apresentarei a empresários, acionistas, diretores de cinema e artistas, como quem diz: em Buenos Aires, capital da América do Sul, das estâncias e da admiração pelas estrelas se produzem tais ninharias. E os ianques abismados.

Aos compatriotas que considerarem esse projeto uma fraude, direi que têm mil vezes razão. E mais: ser editor de tal publicação supõe, além de intensa devoção pelas estrelas, uma fortuna não menos ardente, e a segunda parte do plano consiste justamente em me fazer passar por alguém que, para satisfazer seus gostos, joga pela janela dezenas de milhares de pesos. Segunda fraude, claro, e mais grave do que a anterior.

Mas os mesmos puritanos terão de reconhecer que aposto muito para ganhar pouco: dois olhos, por mais belos que sejam, não têm valor de mercado.

E se ao final da empresa obtiver tais olhos e eles me devolverem, num longo olhar, a honra que perdi ao conquistá-los, creio que estarei em paz com o mundo, comigo mesmo e com o impressor da minha revista.

Digitalizado com CamScanner

Estou a bordo. Deixo em terra alguns amigos e umas quantas ilusões, muitas das quais foram comidas como bombons pelas minhas duas noivas. Levo comigo uma licença de seis meses e, na mala, dez exemplares da revista. Além disso, um bom número de cartas, pois sei muito bem que, na minha idade, toda a psicologia de que me vangloriei nas linhas antecedentes não basta para eu conseguir me aproximar de miss Phillips.

E o que mais? Fecho os olhos e vejo, ao longe, flamejar uma bandeira estrelada. Lá vou eu, divina incógnita, estrela divina e vendada como o Amor.

Finalmente em Nova York, já há cinco dias. Estou de azar, na semana anterior se iniciou a temporada em Los Angeles. O tempo é magnífico.

– Não se queixe da sorte – disse-me, enquanto almoçávamos, meu informante, alto personagem do meio cinematográfico. – Como o verão já começou, haverá muita luz até no escuro. Poderá ver todas as estrelas que admira. Nos estúdios, o que será muito bom para elas, ou em pleno sol, o que não será muito bom para você.

– Por quê?

Digitalizado com CamScanner

– Porque as estrelas, de dia, brilham pouco. Têm manchas e rugas.

– Sua esposa, no entanto...

– Sim, é uma estrela, e ela também tem essas coisas. Se quer um conselho saudável, eu dou. Pelo que posso deduzir, você tem fortuna, certo?

– Alguma.

– Muito bem. E o que é mais fácil de notar, tem um grande entusiasmo pelas atrizes. Portanto, irá passear pela Europa com uma delas e será destruído pela vaidade e pela insolência de sua acompanhante. Ou então se casará, irão os dois morar na fazenda e, no caso, você a destruirá sem dó nem piedade. É apenas um modo de dizer, mas expressa a realidade. Eu sou casado.

– Eu não, mas tenho feito algumas reflexões sobre o assunto...

– E vai colocá-las em prática casando-se com uma estrela? Você é jovem. Em certo sentido, todos na América do Sul são jovens. De negócios não entendem patavina, mas, tratando-se de saias, andam bem depressa. Já vi alguns nessa correria. Sua fortuna, ganhou-a ou foi herdada?

– Herdada.

Digitalizado com CamScanner

– Já se vê. Gaste como quiser.

E com um cordial e vigoroso aperto de mão, deixou-me até o dia seguinte.

Isso aconteceu anteontem. Voltei duas vezes mais, ampliando meus conhecimentos. Não quis inteirá-lo a fundo de meus planos, embora me pudesse ser útil pelo vasto domínio que tem do meio – o que não o impediu, claro, de casar-se com uma estrela.

– No céu do cinema – disse-me, na despedida –, há estrelas, asteróides e cometas de longa cauda sem nenhuma substância dentro. Olho vivo, amigo... *pan-americano*! Também entre vocês está na moda esse filme? Quando você voltar, vou levar você para jantar com minha mulher, ela ficará encantada de ter mais um admirador. Que cartas leva para lá? Não, não, rasgue esta. E esta... um momento... esta sim. Agora o que tem a fazer é se apresentar e casar. *Ciao*!

Ao partir, de trem, fiquei pensando em duas coisas: que aqui também o *ciao* apressa notavelmente as despedidas e que se auxiliado, ainda que não muito, por dois ou três tipos como esse demônio cético e cordial, sentirei o *frio do casamento*.

Esta particularíssima sensação é sentida pelos solteiros comprometidos quando, na ple-

Digitalizado com CamScanner

na, sonolenta e feliz distração que lhes proporciona a liberdade, lembram-se bruscamente de que no mês seguinte estarão casados. Ânimo, coração!

O calafrio não me abandona, embora eu já esteja em Los Angeles e deva ver a Phillips hoje à tarde.

Meu informante de Nova York tinha cem vezes razão. Sem as cartas que me deu eu não conseguiria me aproximar de um diretor de cinema nem à traição. Entre outros motivos, porque os astrônomos da minha laia abundam em Los Angeles, por efeito da cintilação estelar. Mas todos os obstáculos foram contornados e dentro de duas ou três horas, finalmente, assistirei à filmagem de *A grande paixão*, da Blue Bird, com a Phillips, Stowell, Chaney e outros!

Tornei a receber valiosas informações de outro personagem, Tom H. Burns, acionista de todas as empresas, primeiro nome recomendado pelo amigo nova-iorquino. Ambos são do mesmo tipo rápido e cortante. Essa gente parece ignorar completamente a existência da perífrase.

– Você teve sorte, está na sua cara – disse-me o novo personagem. – A Universal ti-

Digitalizado com CamScanner

nha planejado um *raid* pelo Arizona, com o grupo Blue Bird. Boa terra aquela. Uma cascavel quase matou Chaney no ano passado. No Arizona há mais cascavéis do que nós merecemos. Se for para lá, fique de olho. E sua revista? Ah, muito bem. Vocês fizeram isso na Argentina? Magnífico. Quando eu for rico também vou fazer uma loucura dessas. Loucura, você sabe o que quero dizer. Ah, ah...! Todas as estrelas. E algumas repetidas. Repetidas demais, pode-se dizer, para um só editor. Você é o editor?

– Sim.

– Eu não tinha nenhuma dúvida. E a Phillips? Há pelo menos oito fotografias dela.

– Na Argentina temos uma grande admiração por essa atriz.

– Acredito mesmo! Só de olhar para você dá para notar. Gosta dela?

– Muito.

– Muito mesmo?

– Loucamente.

– É um bom modo de dizer. Até logo. Espero você às três na Universal.

E foi-se. Tudo o que peço é que este sentimento em relação à Phillips, que, segundo parece, *dá para notar só de olhar*, não seja visto

Digitalizado com CamScanner

por ela. E se ela puder vê-lo, que o guarde no coração e me devolva com os olhos.

Enquanto escrevo estas notas, penso e quase não acredito que ontem vi Dorothy Phillips, ela mesma, com seu corpo, suas vestes, seus olhos. Algo imprevisto me ocupou no início da tarde, de modo que só consegui chegar ao estúdio quando o grupo Blue Bird já saía para o centro.

– Que mancada – disse meu amigo. – Trouxe a revista? Melhor, poderá folhear para a sua favorita. Venha conosco ao bar. Conhece aquela figura?

– Sim, Lon Chaney.

– Ele mesmo. Tinha os cantos da boca mais apertados quando dormiu com a cascavel. Aí tem sua estrela. Venha.

Alguém o chamou e Burns se esqueceu de mim até o meio da tarde, ouvindo os mexericos do ofício.

Na mesa do bar – éramos mais de quinze –, ocupei um canto da cabeceira, longe da Phillips, e meu amigo sentou-se ao lado dela. Nem é preciso dizer que eu só olhava para ela. Não falava, por certo, não conhecia ninguém, e eles, por sua vez, não se preocupavam comi-

Digitalizado com CamScanner

go, entretidos em cruzar a mesa com diálogos em alta voz.

Ao cabo de uma hora Burns me viu.

– Olá – gritou. – Venha para cá! Duncan, levante-se e troque de lugar com aquele senhor. É um amigo recente, mas com uma bela mão para moldar ilusões. Certo? Bem, sente-se. Aqui tem sua estrela. Aproxime-se mais. Dolly, apresento-lhe meu amigo Grant, Guillermo Grant. Fala inglês, mas é sul-americano, algo como a mil léguas do México. Por que eles não ficaram com o Arizona? Não apresento você, Dolly, porque ele a conhece até demais. A revista, Grant. Você verá, Dolly, como tenho razão.

Não tive alternativa senão mostrar a revista, que meu amigo, à direita da Phillips, começou a folhear.

– Vá olhando, Dolly, como você é. Aqui, como era em *Lola Morgan*...

Passou-lhe a revista, que ela continuou folheando com um sorriso.

Meu amigo contara oito, mas eram doze as fotografias dela.

Sorria sempre, passando rapidamente os olhos pelas fotos, até que se dignou a me relancear.

Digitalizado com CamScanner

– É sua a revista? Quer dizer, você a dirige?

– Sim, senhora.

Aqui uma boa pausa, até que chegou à última página. E então, olhando-me pela primeira vez nos olhos, disse:

– Estou encantada...

– Não desejava outra coisa.

– Muito amável. Eu poderia ficar com esse exemplar?

Como demorei um instante para responder, ela acrescentou:

– Se isso lhe causa algum problema...

– Problema? – e meu amigo voltou-se para nós. – Nenhum problema!

– Não é você, Tom, quem deve responder – ela objetou.

Ao que tornei eu, olhando-a nos olhos com tanta cordialidade quanto ela a mim um momento antes:

– O simples fato de ter publicado doze fotografias suas, miss Phillips, me dispensa de aquiescer ao seu pedido.

– *Miss*... – observou meu amigo, voltando-se outra vez. – Ora, ora, um canaca[6] de três

---

[6] Natural ou habitante das ilhas Sanduíche (Oceania), possessão dos Estados Unidos. NT

Digitalizado com CamScanner

anos não se enganaria, mas para um americano lá de baixo não há diferença. *Mistress* Phillips, aqui presente, tem um marido. Ainda que, pensando bem... A propósito, Dolly, já resolveu essa questão?

– Quase. Acho que neste fim de semana...

– Então... miss de novo? Grant, se você se casar, trate de divorciar-se. Não há nada mais instigante do que a própria mulher depois do divórcio. Miss. Você tinha razão. Deus lhe conserve esse faro.

E se despediu de nós.

– É nosso melhor amigo – disse-me a Phillips. – Sem ele, que serve de elo, não sei o que seria das empresas, umas contra as outras.

Nada respondi e ela aproveitou essa feliz circunstância para conversar com o novo ocupante do lugar à direita e não me dar mais atenção.

Fiquei virtualmente só e muito abatido. Mas como tenho bom estômago, comi e bebi com digno apetite, deixando bem conceituado meu nome a esse respeito.

Na saída, enquanto atravessávamos o jardim, todos juntos, para alcançar os automóveis, não era de estranhar que a Phillips já se tivesse esquecido de seus doze retratos – que dirá de

Digitalizado com CamScanner

mim! –, mas, no momento em que ia embarcar, voltou-se para apertar a mão de alguém e me viu.

– Senhor Grant – gritou. – Não se esqueça de que nos prometeu ir ao estúdio hoje à noite.

E erguendo o braço, com aquele cumprimento de mão solta que os artistas dominam com perfeição:

– *Ciao* – despediu-se.

Tal como está proposto esse assunto, pode-se chegar, por enquanto, a duas conclusões:

Primeira. Que sou um tipo desgraçado se pretendo ser mais do que um *south* americano selvagem e milionário.

Segunda. Que a senhorita Phillips se preocupa muito pouco com minha existência, a não ser para me lembrar, por casualidade, um convite que nem me fizera.

"Não se esqueça de que o esperamos..."

Muito bem. Por trás da minha pele morena há duas ou três fazendas que podem ser obtidas facilmente, sem necessidade de fazer caretas na tela depois. Um sul-americano é e será sempre um rastaqüera, magnífico marido que não fará outra coisa senão encomendar

Digitalizado com CamScanner

caixas de champanha às três da madrugada, em companhia da esposa e de quatro ou cinco amigos solteiros. Isso é o que pensa miss Phillips.

Engana-se redondamente.

Amada minha: um sul-americano pode não entender patavina de negócios, mas, tratando-se de uma saia, nem um conclave inteiro de cineastas consegue caldear o mercado aos seus caprichos. Muito antes, lá em Buenos Aires, troquei o que me restava de vergonha pela esperança de possuir dois belos olhos.

De modo que sou eu quem dirige a operação, sou eu quem se põe à venda, com meu sotaque latino e meus milhões. *Ciao*!

Às dez em ponto lá estava eu nos estúdios da Universal. A proteção de meu poderoso amigo me colocou ao lado do diretor de cena, imediatamente atrás das máquinas, de modo que pude acompanhar atentamente a filmagem de várias cenas.

Não creio que haja muitas coisas mais artificiais e incongruentes do que as cenas de interior de um filme. E o mais surpreendente é que o ator consiga expressar com naturalidade uma emoção qualquer diante da multidão de

Digitalizado com CamScanner

tipos amontados a um metro dele, observando-lhe o desempenho.

No teatro, a quinze ou trinta metros do público, posso compreender que um ator, cuja noiva na história está ao seu ladó em cena, venha a representar mais ou menos bem um amor fingido. Mas, no estúdio, o cenário desaparece totalmente nas cenas em *close*. O ator permanece quieto e sozinho, enquanto a máquina vai-se aproximando de seu rosto até quase tocar nele. E o diretor grita:

– Agora olhe para cá... Ela foi embora, entende? Você acha que vai perdê-la... Olhe para ela com melancolia...! Mais! Isso não é melancolia! O.K., agora sim... Luz!

E enquanto os refletores inundam o rosto do infeliz até cegá-lo, lá está ele a olhar, com ar apaixonado, para uma vassoura ou para um operador, ao mesmo tempo em que o diretor o acompanha com um ar de enfado.

Sem dúvida, é preciso ter uma grande dose de desembaraço para atuar em tais circunstâncias. E isso resulta do fato de que Deus fez o pudor da alma para os homens e algumas umlheres, mas não para os atores.

Admiráveis, portanto, essas criaturas que, às vezes, nos dão caracterizações sumamente

Digitalizado com CamScanner

fortes. Em *Casa de bonecas*, por exemplo, obra laboriosamente interpretada nos palcos, ainda está por nascer a atriz que possa medir-se com a Nora de Dorothy Phillips, embora não se ouça sua voz e nem esta seja de ouro, como a de Sarah.

E diga-se de passagem: todo o conceito latino de cinema vale menos do que um humilde filme ianque de dez centavos. Aquele gira todo ele sobre a afetação, ao passo que neste se costuma encontrar a divina condição que é a primeira nas obras de arte, como nas cartas de amor: a sinceridade, que é a veracidade de expressão interior e exterior.

"Vale mais uma declaração de amor malfeita em prosa do que uma empolada em verso". Este humilde aforismo dos jovens define se a arte é feita para agradar ou se de fato vem do coração.

– Sim, mas as pessoas não vêem isso – dizia-me Stowell, quando saíamos do estúdio. – Você percebe, em cada filme, indisfarçáveis concessões ao público.

– Certamente, mas foi este mesmo público que fez a fama da arte de vocês. De resto, algo ele aproveita. Embora se trate de uma representação, sempre há um quê de luminoso

Digitalizado com CamScanner

na sinceridade, que abre os olhos até de um cego.

– No país de vocês é possível. Na Europa, sempre encontramos resistência. Quantas vezes nos imputam o que chamam de falta de expressão, que não é mais do que falta de gesticulação. A gesticulação os encanta. Os homens, sobretudo, parecem-lhes excessivamente sóbrios. Veja, por exemplo, *Caminho de espinhos*. Foi o trabalho que mais me gratificou... Eh, já vai? Venha conosco ao bar, que a mesa é grande... Dolly!

A interpelada, que já cruzava o calçadão, voltou-se.

– Dolly, leve o senhor Grant ao bar. Thedy pegou meu carro.

– Pois não. Sinto não poder levá-lo, Stowell. Está lotado.

– Se me permite, poderíamos ir todos no meu –ofereci.

– Ótimo! Entre, Stowell. Cuidado! Você está cada vez mais gordo.

Foi assim que fiz minha primeira viagem de automóvel com Dorothy Phillips e senti, também pela primeira vez, o roçar de sua saia. E nada mais!

Digitalizado com CamScanner

Stowell olhava-me com interesse, talvez estranhando que um filho pródigo da Argentina pudesse ter idéias razoáveis sobre arte. Por isso, no bar, ocupamos uma mesa à parte. E para satisfazer inteiramente sua curiosidade, fui desfiando minhas impressões, inclusive aquelas anotadas mais atrás, sobre os estúdios.

Stowell é inteligente. Além disso, é o homem que, neste mundo, viu mais de perto o coração da Phillips desmaiando nos olhos. Este privilégio seu cria entre nós um terno parentesco do qual eu apenas me dou conta.

À exceção de Burns.

– Boa noite aos dois – e pôs as mãos em nossos ombros. – Tudo bem, Stowell? Hoje não pude ir lá. Quantas cenas? Ah, não progrediram muito, suponho. E você, Grant? Progrediu algum tanto? Não responda, é inútil...

– Também se vê em meu rosto? – e ri.

– Ainda não. O que se vê é que Stowell já se rendeu à sua simpatia. Dolly quer almoçar amanhã com você e Stowell. Não está muito certa de que são doze as fotos em sua revista. Iremos os quatro. Dolly não lhe falou? Dolly! Deixe seu Lon por um momento! Aqui estão *os dois* Stowell. E perto da janela está bem fresco.

Digitalizado com CamScanner

– Como pude me esquecer! – disse a Phillips, vindo sentar-se conosco. – Tinha certeza de que já havia falado... Terei muito prazer, senhor Grant. Tom, você disse que aqui está mais fresco? Então vamos descer até o jardim.

Fomos para lá. Stowell teve o bom gosto de me fazer falar e não vi nenhum inconveniente em recapitular todas aquelas reflexões que fizera em Buenos Aires sobre essa extraordinária arte nova – isso num passado remoto, quando Dorothy Phillips, com a sombra do chapéu descendo até os lábios, ainda não me olhava. Fazia mil anos!

Não falei muito – não sou loquaz – e eles me ouviram atentamente.

"Hum", pensei, "outra vez o assombro diante do filho pródigo do Sul".

– Você é argentino? – perguntou Stowell.

– Sim.

– Mas seu nome é inglês.

– Meu avô era inglês, mas acho que não tenho nada de inglês.

– Nem o sotaque.

– Certamente não. Aprendi o idioma sozinho e o pratico pouco.

A Phillips me olhava.

Digitalizado com CamScanner

– O sotaque lhe cai bem. Conheço muitos mexicanos que falam nossa língua e, francamente... não é a mesma coisa.

– Você é escritor? – tornou Stowell.

– Não.

– É uma pena, pois suas observações teriam muito valor para nós, vindo como vêm de tão longe e de outra raça.

– É o que eu pensava – apoiou a Phillips. – A literatura de vocês ganharia bastante com um pouco de síntese.

– E ganharia idéias – disse Burns –, que não existem lá. Dolly é muito boa nessa área.

– Você escreve? – voltei-me para ela.

– Não. Leio sempre que posso. Conheço bastante, sendo mulher, o que se escreve na América do Sul. Minha avó era do Texas. Leio em espanhol, mas não falo.

– E você gosta?

– De quê?

– Da literatura latina da América.

Ela sorriu.

– Sinceramente? Não.

– E a da Argentina?

– Em particular? Não sei... Tudo é tão parecido... tão mexicano!

– Certo, Dolly – reforçou Burns. – No

Digitalizado com CamScanner

Arizona, que é mexicano numa escala que vai desde seus mestiços até seu próprio inferno, há cascavéis. E o resto? Melros, pálidas noivas... e declamação em tudo! Tudo falso! É a América de vocês. Saúde, Grant!

– Obrigado. Nós, em troca, dizemos que aqui só há máquinas.

– E estrelas de cinema, não é? – e Burns levantou-se, pondo a mão no meu ombro, enquanto Stowell lembrava-se de uma entrevista e afastava sua cadeira.

– Vamos, Tom, ou perdemos o trem. Até amanhã, Dolly. Boa noite, Grant.

E ficamos a sós. Lembrei-me de ter dito que, dela, eu desejava reservar tudo para o casamento, desde o perfume habitual até o desenho dos sapatos. Agora, tendo-a diante de mim, como uma deusa – a lembrança revolvera a urna dos meus sonhos –, eu estava imóvel, devorando-a com os olhos.

Houve um momento de completo silêncio.

– Bonita noite – ela disse.

Não respondi. Ela se voltou.

– O que está olhando?

A pergunta era lógica, mas seu olhar não tinha a naturalidade exigida.

Digitalizado com CamScanner

– Você.

– Fique à vontade.

– Estou à vontade.

Nova pausa, à qual tampouco ela resistiu.

– Na Argentina todos são divertidos como você?

– Alguns – e acrescentei: – Mas o que eu disse está a uma légua do que você está pensando.

– E o que eu estou pensando?

– Que com aquela resposta começa a conquista de um sul-americano.

Ela me olhou um instante sem pestanejar.

– Não – respondeu, simplesmente. – Talvez sim, por um momento, mas logo pensei melhor.

– Não pareço um piratinha de família rica?

– Acho melhor parar com isso – e levantou-se.

– Como quiser. Mas eu sentiria muito mais do que pode imaginar se me desconhecesse até esse ponto.

– Ainda não o conheço e você deve saber disso melhor do que eu. Bem, não tem importância. Amanhã falaremos com mais calma. À umá, não esqueça.

Digitalizado com CamScanner

Passei mal a noite. Meu estado de ânimo pode ser melhor entendido pelos rapazes de vinte anos quando, na manhã depois de um baile, sentem o corpo mole e a impressão deliciosa de algo distante que, afinal, ocorreu há apenas sete horas.

Dorme, coração.

Dez novos dias transcorridos sem progresso. Ontem, como sempre, fui esperá-los na saída do estúdio.

– Vamos, Grant – disse-me Stowell. – Lon quer contar aquela história da cascavel.

– Está muito quente lá no bar.

– Está mesmo – voltou-se a Phillips. – Vou tomar um pouco de ar. Me acompanha, Grant?

– Com muito gosto. Stowell, diga a Chaney que o verei à noite. Na minha terra também há cascavéis, mas de outra espécie. Às suas ordens, *miss* Phillips.

Ela riu.

– Não ainda!

– Perdão.

Começava a cair o sol quando partimos, em boa velocidade. Durante algum tempo ela olhou para a frente, até que voltou-se francamente para mim.

Digitalizado com CamScanner

– Bem, diga-me agora. A verdade. Por que me olhava com tanta atenção naquela noite? E outras vezes do mesmo modo, por quê?

Eu também estava disposto a ser franco. Minha voz saiu num tom grave.

– Porque, durante dois anos, pensei tanto em você quanto pode um homem pensar numa mulher. Não há outro motivo.

– Outra vez...?

– Não, já sabe que não!

– E o que você pensa?

– Que você é a mulher com mais coração e inteligência que em qualquer tempo interpretou qualquer personagem.

– Sempre pensou assim?

– Desde *Lola Morgan*.

– Não foi este o meu primeiro filme.

– Eu sei, mas antes você não era dona de si mesma – calei-me um instante e continuei: – Você tem, sobretudo, um intenso sentimento de compaixão. Não era preciso falar nisso, mas em certos momentos de seus filmes, quando aquele que você ama acredita que não tem o seu amor, por não merecê-lo, e você o olha sem que ele perceba... seu olhar nesses momentos... e aquele lento cabeceio e o trejeito de seus lábios inchados de ternura... isso tudo só pode

Digitalizado com CamScanner

vir de um coração que sabe profundamente o que é o amor. Nada mais.

– Obrigado, mas você se engana.

– Não.

– Está tão certo assim?

– Ninguém, me acredite, ninguém conhece você como eu conheço. Talvez conhecer não diga tudo. Valorizar é o termo.

– Me valoriza muito?

– Sim.

– Como artista?

– E como mulher. Em você é a mesma coisa.

– Nem todos pensam como você.

– É possível.

E me calei. O motorista parou o automóvel.

– Descemos um instante? – disse ela. – O ar daqui é tão diferente daquele lá no centro...

Caminhamos até que ela se deixou cair num banco da alameda.

– Estou cansada. Você não?

Cansado eu não estava, mas trazia os nervos tensos. Exatamente como num filme, o carro parado no meio-fio. Era aquele mesmo banco de pedra que eu conhecia bem, onde ela,

Digitalizado com CamScanner

Dorothy Phillips, estava esperando. E Stowell... Mas não! Era eu mesmo que me aproximava, não Stowell. Eu, com a alma perlando nos lábios para cair aos seus pés.

Parei diante dela, que parecia sonhar.

– Por que me diz essas coisas?

– Eu as teria dito muito antes, se houvesse como.

– Fica tão bem o que diz, com seu sotaque...

– Posso me calar, se preferir.

Ela ergueu os olhos, sorriu vagamente durante um longo instante.

– Que idade você tem? – murmurou, por fim.

– Trinta e um anos.

– E depois de tudo o que disse, e eu escutei, quer calar-se porque comentei que me agrada seu sotaque?

– Dolly!

Mas ela, como despertando, já se levantara.

– Vamos voltar. A culpa é minha, que aqui fico me prestando... Você é um rapaz maluco e nada mais.

Num momento eu estava à frente dela, cortando-lhe o passo.

Digitalizado com CamScanner

– Dolly! Olhe para mim! Você agora tem a obrigação de me olhar. Ouça, simplesmente: com toda a minha alma, juro que uma única palavra carinhosa sua me redimiria de todas as canalhices que eu pudesse ter cometido com as mulheres. E que, se há para mim alguém respeitável – está ouvindo? –, este alguém é você mesma. Aí está – concluí, seguindo em frente. – Agora pense de mim o que quiser.

A vinte passos, foi a vez dela de me fazer parar.

– Me ouça você agora: você me conhece só há quinze dias.

E eu, bruscamente:

– Há dois anos! É mais do que um dia.

– Mas... que valor você quer que eu dê a um... a uma predileção como sua pelas minhas condições de interpretação? Você mesmo disse! E a mil léguas de distância!

– Ou a duas mil, é a mesma coisa. O simples fato de ter percebido, a mil léguas, tudo o que você vale... E agora não estou em Buenos Aires.

– Por que veio?

– Para ver você.

– Exclusivamente?

– Exclusivamente.

Digitalizado com CamScanner

– E está satisfeito?

– Sim.

Mas minha voz saía surda.

– Mesmo depois do que eu disse?

Não respondi.

– Não me responde? – insistiu. – Você, que é tão amigo dos juramentos, pode jurar que está satisfeito?

Com o olhar abarquei a paisagem crepuscular, cujo extremo era ocupado pelo automóvel que nos esperava.

– Estamos fazendo um filme – disse-lhe. – Continuemos.

E pondo a mão no seu ombro:

– Me olhe nos olhos. Meu rosto é o rosto de quem odeia?

Ela me olhou, me olhou...

– Vamos – e pestanejando, afastou-se.

E eu, por minha vez, ao ter seus olhos nos meus, sentira o que ninguém seria capaz de sentir sem desmoronar de impotente felicidade.

– Quando você voltar – disse, por fim, já no carro –, terá de mim uma idéia diferente.

– Nunca.

– Você verá. Não deveria ter vindo...

– Por você ou por mim?

Digitalizado com CamScanner

– Pelos dois... Para casa, Harry!

E a mim:

– Quer que o deixe em algum lugar?

– Não, acompanho você até em casa.

Pouco antes de desembarcar, tornou com voz clara e pausada:

– Grant... responda honestamente... você é rico?

No espaço de um décimo de segundo revivi toda esta história desde o começo e vi o buraco que eu mesmo cavara e no qual me precipitava.

– Sim – respondi.

– Muito rico? Compreende porque pergunto?

– Sim – reafirmei.

Seus imensos olhos se iluminaram e ela me estendeu a mão.

– Até breve, então! *Ciao*!

Dei os primeiros passos com os olhos fechados. Outra voz e outro *ciao*, que agora era uma bofetada, chegavam-me desde o fundo de quinze dias longínquos, quando, ao vê-la e sonhar com sua conquista, me esqueci por um instante de que eu era apenas um tratante vulgar.

Nada mais do que isto. Aí está onde cheguei, o que consegui com todas as minhas psi-

Digitalizado com CamScanner

cologias. Acaso eu já não sabia, lá no sul, que as estrelas são inalcançáveis *porque sim* e que é preciso uma grande fortuna para tê-las? Ali estava a confirmação. Eu levantara um edifício de cinismo para comprar um só olhar de amor de Dorothy Phillips. Não podia me queixar.

De que, então, me queixo?

Surgem nítidas as palavras de meu amigo: "De negócios os sul-americanos não entendem patavina".

Nem de saias, senhor Burns! Se me faltou dignidade ao me apresentar a ela como um pavão real, agora até me sobra para continuar recebendo por mais tempo um sorriso que está ambicionando, acima de meu rosto moreno, os campos verdes do pampa. Contei com muitas coisas, mas com o que nunca contei – ainda que se tratando de saias – foi com este rubor tardio que me impede de roubar um beijo, um frufru de vestido, um simples olhar que não conquistei pobre.

Aí está onde cheguei.

Dorme, coração, para sempre!

Impossível. Cada dia a quero mais, e ela... Justamente por isso devo parar. Se ela embarcasse nessa régia aventura matrimonial sendo-

Digitalizado com CamScanner

me indiferente, talvez eu tivesse forças para chegar ao fim. Negócio contra negócio. Mas quando, perto dela, encontro seu olhar, e o tempo, sonhando, detém-se sobre nós, meu amor por ela me oprime a mão como a um velho criminoso e... volto a mim.

Meu amor! Uma vez cantarolei *ciao* porque tinha todos os trunfos em meu jogo. Entrego-os agora, mão atrás de mão, diante de um último blefe mais forte do que eu: sacrificar você.

Levo a vida de sempre, na constante companhia de Dorothy Phillips, Burns, Stowell, Chaney – do qual obtive todos os informes desejados sobre a cascavel e seus modos de morder.

Embora o calor aumente, não se consegue deixar de ir ao bar na saída do estúdio. Verdade que aqui tudo é congelado, do chiclete ao abacaxi.

Raramente como sozinho. À noite, com a Phillips. No almoço, com Burns e Stowell, ao menos. Fiquei sabendo pelo meu amigo que o divórcio da Phillips é definitivo: *miss*, portanto.

– Grant, você deve ter pensado muito antes de adivinhar – disse-me Burns. – Casamen-

Digitalizado com CamScanner

to, Grant? Não é uma má idéia. Dolly merece você e até mais.

– Mas ela me quer realmente? – deixei escapar.

– Grant, você faria um bom filme, desde que eu não fosse o diretor de cena. Case-se com sua estrela e gaste dois milhões numa empresa. Eu administro e mais nada. O que lhe parece *A grande paixão*?

– Muito bom. O autor não é bobo. Stowell está bem no papel, embora com certa afetação. E Dolly tem momentos como há muito não se via.

– Perfeito. Não se atrase para o jantar.

– Hoje? Pensei que era na segunda-feira.

– Não. Segunda é o banquete oficial, com damas da sociedade e o resto. A consagração. A propósito: você tem cabeça forte?

– Isso eu já provei na primeira noite.

– Não basta. Hoje haverá um concerto de rum no final.

– Não se preocupe.

Magnífico. Na minha situação atual, uma orquestra alcoólica é o que me convém.

Tudo terminado. Só me resta fazer os preparativos e abandonar Los Angeles. O que re-

Digitalizado com CamScanner

sultou de tudo isso? Um pequeno e mau negócio imaginoso e frustrado. E mais abaixo, feito em pedaços, meu coração.

O incidente de ontem à noite poderia ter-me custado bem caro, segundo Burns, que acabo de deixar na estação, rubro de calor.

– Que mosquitos vocês têm lá? – disse-me ele. – Não faça mais besteiras, Grant. Quando a pessoa não é senhora de si, fica em Buenos Aires. Compreendeu bem? Então, até logo.

Isso tem a ver com o que segue.

Ontem à noite, depois do jantar, os homens ficamos a sós, em mangas de camisa, e chegou a hora do tal concerto de rum. Não imagino até onde pode chegar a bonachona tolerância dessa gente para o álcool. Enfim, eles são de origem inglesa.

Mas eu sou sul-americano. Comigo o álcool é menos benevolente e, de resto, não tenho motivo algum para estar feliz. O rum interminável sempre me colocava diante de Stowell, com seu cabelo revolto e seu nariz de bolota. No fundo um bom rapaz com sorte, nada mais. E por que me olhava, compadecido? Decerto pensava que tenho inveja dele e de suas palhaçadas amorosas com uma cômica qualquer. Infeliz!

Digitalizado com CamScanner

– Á saúde de Stowell – brindei. – Ao grande Stowell!

– A saúde de Grant!

– E à saúde de todos vocês... Pobres diabos!

O ruído cessou bruscamente e todos os olhares se concentraram em mim.

– O que há, Grant? – articulou Burns.

– Nada, queridos amigos... Faço minhas homenagens...

E me levantei.

– Brindo à saúde dos grandes gênios do cinema: a empresa Universal, o grupo Blue Bird, Lon Chaney, William S. Stowelll e... todos! Intérpretes do impulso, hem, Chaney? E do amor... todos! E do amor, nós, William S. Stowell! Intérpretes e negociantes de arte, não é assim? Brindo à grande riqueza da arte, amigos únicos! E à riqueza de alguns de nós! E ao amor artístico a tal riqueza, William S. Stowell, companheiro!

Vi os rostos contraídos de desgosto. Um resto de lucidez fez com que eu percebesse os efeitos de tal atitude, então me contive e me retirei com uma saudação geral.

– Boa noite, senhores! E se algum dos presentes, Stowell ou outro qualquer, ainda quiser falar comigo amanhã, estarei às ordens. *Ciao*!

Digitalizado com CamScanner

A primeira coisa que fiz hoje de manhã foi procurar Stowell.

– Me desculpe – eu disse. – Vocês aqui são feitos de outra massa. A nós, lá do sul, o álcool nos deixa agressivos e idiotas.

– Um pouco é isso, claro – e me apertou a mão, sorrindo. – Vamos ao bar, lá encontraremos a soda e o gelo que precisamos.

No caminho ele observou:

– O que estranho um pouco é que não acredito que tenha motivos para estar aborrecido com qualquer coisa. Não é assim? – e me olhou atentamente.

– Mais ou menos.

A soda e o gelo são recursos pobres quando o que se busca é apenas um pouco de satisfação consigo mesmo.

Tudo acabado, anotei neste meio-dia. Sim, tudo se acabou.

Às sete, quando começava a arrumar a mala, o telefone tocou.

– Grant?

– Sim.

– Dolly. Você não vem? Estou um pouco triste.

– E eu mais. Vou em seguida.

Digitalizado com CamScanner

E fui, com o estado de ânimo de Régulo quando voltava a Cartago para sacrificar sua vida em troca das misérias da honra.[7]

Dolly! Dorothy Phillips! Não me resta nem a ilusão de tê-la amado um dia.

Ela estava arrumada para sair.

– Eu pensava em sair, mas resolvi telefonar. Você não estava ocupado?

– Não.

– Nem com vontade de me ver?

Ao me olhar bem de perto, pôs suavemente os dedos no meu braço.

– Grant? O que você tem?

Vi seus olhos angustiados por causa de minha dor irremediável.

– Que é isso, Grant?

E sua mão esquerda me tomou do outro braço. Então fixei meu olhar nos olhos dela, longa e diretamente.

– Dolly, o que você pensa de mim?

– Como?

---

[7] Marco Atílio Régulo, general romano. Preso pelos cartagineses na primeira guerra púnica, foi enviado a Roma para propor uma troca de prisioneiros, depois de ter dado sua palavra de que retornaria. Recomendou ao Senado romano que não aceitasse a proposta e, cumprindo a palavra empenhada, voltou a Cartago, onde foi torturado e morto. NT

Digitalizado com CamScanner

– Que idéia você tem a meu respeito? Não, não responda... eu sei, você pensa que sou alguma coisa... Dolly, há muito tempo eu queria lhe dizer... sou apenas um miserável. E se fosse só isso... Você não sabe de nada. Sabe o que eu sou? Um tratante, nada mais. Um ladrãozinho vulgar ou menos do que isso. Isso é o que eu sou. Dolly, você pensa que sou rico, não é?

Seus braços caíram. Como estava caindo sua última ilusão de amor por *um homem*, como eu mesmo tinha caído...

– Responda! Você acreditava nisso?

– Você mesmo disse – ela murmurou.

– Exatamente. Eu mesmo disse e deixei que todo mundo repetisse. Que tinha uma grande fortuna, milhões... Foi isso o que eu disse. Percebe o que eu sou? Não tenho nada, nem um milhão, nada! Pior do que um miserável. Um vigarista, isso é o que eu sou, Dolly.

E me calei. Por um momento daria para ouvir o zumbido de uma mosca. E mais ainda a voz lenta, como distante, terrivelmente distante de mim:

– Por que você me enganou, Grant?

– Enganar? – reagi, voltando-me bruscamente para ela. – Ah, não! Não enganei você. Isso, pelo menos, não. Não, não enganei você,

Digitalizado com CamScanner

pois acabo de fazer o que não sei se muitos fariam. É a única coisa que ainda me eleva diante de mim mesmo. Não, não! Enganar, no começo, pode ser, mas no resto... Você se lembra do que lhe disse na primeira tarde? Quinze dias, você dizia. Eram dois anos! E ainda sem conhecer você! Ninguém no mundo a valorizou como eu e tampouco viu o que você era como mulher. E ninguém no mundo amará você como eu amo! Ouviu? Ninguém, ninguém!

Caminhei três passos. Sentei-me num tamborete e apoiei os cotovelos nos joelhos, postura cômoda quando o firmamento desaba sobre nós.

– É isso – murmurei. – Vou embora amanhã. Por isso eu lhe disse tudo... – e mais lentamente: – Falei uma vez de seus olhos, quando a pessoa que você amava não se dava conta...

Calei-me outra vez, na minha situação essa feliz lembrança era demasiado cruel. E nesse novo silêncio de amargura desesperada e final, ouvi sua voz como num sonho:

– Bobinho!

Era possível? Levantei a cabeça e a vi ao meu lado, ela! E vi seus olhos imensos, úmidos de incondicional amor. E a contração de seus lábios, inchados de ternura consoladora,

Digitalizado com CamScanner

como a sonhava naquele instante! Como sempre a vira comigo.

– Dolly – saltei.

E ela, entre meus braços:

– Bobão! Você pensa que eu não sabia?

– Como! Sabia que eu era pobre?

– Claro.

– Minha vida! Minha estrela! Minha Dolly!

– Meu sul-americano...

– Ah, mulher sempre! Por que me torturou desse jeito?

– Queria saber bem... Agora sou sua.

– Toda minha! Você não sabe o que eu sofri. Sou um canalha, Dolly.

– Meu canalha...

– E tu?

– Sou tua.

– Farsante, é o que você é. Como pôde me deixar meia hora nesse tamborete, se já sabia tudo? E com aquele ar: "Por que você me enganou, Grant?"

– Você não me admirava como intérprete?

– Meu amor adorado! Tudo em você eu admiro! Até o filme que fizemos. Contigo, enfim, Dorothy Phillips!

– Verdade que é um filme?

– Acho que sim. E você, o que é?

Digitalizado com CamScanner

– Sua estrela.

– E eu?

– Meu sol.

– Pst! Sou um homem. O que eu sou?

E ela, num arrulho:

– Meu sul-americano...

Voei no automóvel para procurar Burns.

– Me caso com ela – disse-lhe. – Burns, você é o maior homem deste país, inclusive no Arizona. Outra boa notícia: não tenho um centavo.

– Nenhum mesmo. Los Angeles inteira sabe disso.

Fiquei aturdido.

– Não se espante – ele continuou. – Você acredita que, antes, já não tivemos rapazinhos com fortuna ou sem ao redor de Dolly? Quando você quiser ser outra vez milionário – para divorciar-se de Dolly, por exemplo –, suprima as informações telegráficas. Mau negociante, Grant.

Algo me inquietou.

– Por que acha que vou me divorciar de Dolly?

– Você? Jamais. Ela vale dois ou três Grant e você, aos olhos dela, tem mais sorte do que merece. Aproveite.

– Me dê um abraço, Burns.

Digitalizado com CamScanner

– Obrigado. E o que você vai fazer agora, sem um centavo? Dolly não vai copiar seus informes do ministério.

Fiquei parado, olhando-o.

– Se fosse outro, eu aconselharia um contrato com Stowell e Chaney. Com menos personalidade e menos olho do que você, outros foram longe. Mas você não serve.

– E então?

– Escreva o roteiro do filme que fez com Dolly, tal como aconteceu e destacando aquela cena do bar. O final da história vocês já têm e posso sugerir outras cenas. Proponha ao Blue Bird. O pagamento? Não sei, mas seria suficiente para você dar um passeio até Buenos Aires com Dolly, isso se jurar que vai devolvê-la na próxima temporada. Se não o fizer, O'Mara mata você.

– Quem?

– O diretor. Agora me deixe tomar banho. Quando se casam?

– Logo.

– Muito bem. Até mais.

E enquanto eu saía cheio de pressa:

– Vai falar com ela ainda hoje? Diga-lhe que me guarde aquele exemplar da revista. É um bom documento.

Digitalizado com CamScanner

*

Mas isto é um sonho. Ponto por ponto, como acabo de contá-lo, eu o sonhei. E para o resto dos meus dias guardarei sua profunda emoção e o pobre consolo de ter enviado o relato a Dolly – o que farei em seguida – com esta dedicatória:

"À senhora Dorothy Phillips, suplicando seu perdão pelas impertinências deste sonho, muito doce para o autor".[8]

---

[8] Contam Delgado e Brignole, biógrafos de Quiroga, que sua paixão pelo cinema o levou, de fato, a apaixonar-se pela atriz Dorothy Phillips. Certo dia um amigo brincalhão enviou a Quiroga uma foto da atriz, com uma dedicatória assinada. Tudo era falso, dedicatória, assinatura, envelope, selo, carimbo, mas Quiroga acreditou piamente na sua autenticidade e chegou a assinar certas notas sobre cinema com o pseudônimo de "O marido de Dorothy Phillips". (conf. QUIROGA, Horacio. *Todos los cuentos*. Paris etc.: UNESCO e outros, 1997. p. 464.) NT

Digitalizado com CamScanner

Posfácio

por

Pablo Rocca

Digitalizado com CamScanner

I

Com a literatura de Horacio Quiroga (Salto, 1878 – Buenos Aires, 1937) estabeleceu-se uma cômoda associação mítica que liga homem-obra-meio. Várias razões contribuem para esse vínculo que, decerto, não é fácil de evitar. O mais conhecido e maior espaço de seus relatos – o ambiente selvagem – postula um contrato de verossimilhança estrita entre história e meio. E, em particular, pesa intensamente no estabelecimento dessa tríada a série de infortunados episódios biográficos: a morte violenta do pai (nunca bem esclarecida) e os suicídios do padrasto, da primeira esposa, dele mesmo e dos três filhos. Tanta desgraça acumulada num só indivíduo e em sua família, tantos enigmas – ocultos ou evidentes nos textos –, enfeitiçaram, uma atrás da outra, gerações de leitores.

Digitalizado com CamScanner

Passaram-se mais de sessenta anos desde que Quiroga usou o cianureto via intravenosa para dar um fim àquele corpo castigado que, de resto, o câncer destruiria em pouco tempo. Neste final de milênio, contudo, está claro que parte da obra quiroguiana segue valorizada como a de não muitos de seus contemporâneos. Se se exigem provas para elevar uma obra (ou uma significativa porção dela) à condição de clássico, não há outro autor nas letras rio-platenses, salvo Jorge Luis Borges, que se saia tão bem quanto esse uruguaio tão cedo radicado na Argentina. As edições de seus livros se multiplicam nas duas capitais do Prata, assim como na Espanha, no México e nas traduções em quase todas as línguas. Sua vida e muitos de seus textos foram levados à tela em inúmeras ocasiões, e de seus relatos resultaram gibis e adaptações teatrais. Quiroga já foi até fonte de outras ficções, como nos recentes romances *Un amor a la deriva: Horacio Quiroga y Alfonsina Storni* (1997), da argentina Ana Atorresi, e *El misterio Horacio Q* (1998), de Juan Carlos Mandragón, uruguaio que se radicou na França com maior êxito do que o homenageado mestre.

Para que se venha a ser um escritor é preciso que se passe por um longo e laborioso pro-

Digitalizado com CamScanner

cesso. Quiroga cumpriu cabalmente esse requisito. Superou a condição de epígono do modernista argentino Leopoldo Lugones (1874 – 1938) e do decandentismo francês, etapa que percorreu nas páginas dos periódicos saltenhos *Gil Blás* e *Revista del Salto* (1899 – 1900). Soube abandonar a soberba juvenil que o levou a pensar que, para tornar-se artista, bastava ir a Paris – até porque esse sonho se transformou em pesadelo numa curta temporada do ano de 1900: retornou a Montevidéu antes do previsto, só com a roupa do corpo e a barba negra que cobriria seu rosto para sempre. Em 1901, quando publicou a coletânea de poemas de narrativas breves, *Los arrecifes de coral*, ainda não tinha encontrado um caminho. Estava em pleno aprendizado.

Lendo Poe, Maupassantk, Kipling, Dostoievski, Tchekov, percebeu que o horror, a dor, os golpes da sorte e os abismos interiores podiam produzir literatura, embora com um registro próprio e de acordo com as pautas sociais e humanas da América. A tais "contatos" literários se somaram as aventuras e as desventuras pessoais que não poderiam deixar de temperá-lo. Nessa mudança concorrem a morte acidental de seu amigo Federico Ferrando,

Digitalizado com CamScanner

de que foi causador (1902) – um dos motivos de sua troca de Montevidéu por Buenos Aires – e até sua colaboração ativa nas revistas portenhas de atualidades (*El Gladiador*, *Caras y Caretas*, *El Hogal*, *Plus Ultra* e outras), onde publicará quase quatro centenas de contos e artigos. Inopinada e simultaneamente, em meados da primeira década do século, Quiroga encontrou-se com a desgraça que marcaria seu caráter, com a literatura que precisava conhecer, com a vivência aventurosa de suas viagens e com as regras do mercado em plena transformação, que trazem novos instrumentos para ensiná-lo a escrever de outro modo.

Até 1910 tem um público seguro e meios jornalísticos que ajustam o espaço de seus textos. Tem de criar um estilo não muito sofisticado para leitores que querem distrair-se, mas para os quais sempre procura dar algo mais. Pouco depois, aprende que há muitas coisas além da cidade e dos livros. Suas viagens pelo Chaco (1905) e a primeira visita a Misiones (1906) significarão para ele uma verdadeira epifania: o descobrimento das longínquas regiões esquecidas pelos "civilizados", que lhe permitem descobrir também uma zona secreta de si mesmo. Em conseqüência dessa comunhão e da des-

Digitalizado com CamScanner

treza técnica que adquire em suas leituras, na atividade jornalística e na redação de seus textos primigênios (como os que incluirá em *El crimen del otro*, 1904), crescerá uma nova experiência estética que, sem demora, irá predominar em seu projeto. Como assinala Martha Canfield, nos primeiros contos "de mato" e, em particular, desde "La miel silvestre", a selva para Quiroga representa "um lugar sagrado onde o homem, arrancado de sua origem e pervertido em sua natureza originariamente boa, é chamado a testar sua própria condição. (...) A selva se parece com a ilha de Robinson [Crusoe] porque isola da civilização e impõe uma vida mais rude e mais verdadeira".[1]

Aqueles que vêm da cidade, isto é, do espaço contaminado pelas impurezas do capitalismo industrial e pela vida burguesa que aliena o sujeito, tornando-o um indivíduo competitivo, presunçoso e decadente (como ocorre em *Una estación de amor*), são observados pelo narrador com inclemência e tam-

---

[1] CANFIELD, Martha. La selva y el reino perfectible. In: GARET, Leonardo, org. *Horacio Quiroga por los uruguayos*. Montevideo: Academia Uruguaya de Letras & Editores Asociados, 1995. p.135.

Digitalizado com CamScanner

bém com desprezo. O homem natural, que confia em suas forças e possibilidades, que se aproxima da natureza para aprender com ela e logo dominá-la, sem maior violência do que a das leis que ela própria impõe, só esse homem pode fazer do deserto um paraíso.[2] Por isso os animais e as plantas adquirem hierarquia de personagens ou de núcleos de outros textos que limitam com o puramente ficcional (como em *Cuentos de la selva*, 1918, ou nas séries *Cartas de un cazador* e *De la vida de los animales*).

Sem pausas, alternando histórias urbanas e "de mato", surgirá um conjunto que, logo, ele irá distribuindo nos volumes *Cuentos de amor de locura y de muerte* (1917), *El salvaje* (1920), *Anaconda* (1921), *El desierto* (1924), *Los desterrados* (1926) e *Más allá* (1935), além de duas novelas divulgadas em formato livro (*Historia de un amor turbio*, 1908; *Pasado amor*, 1929) e outras deste mesmo gênero publicadas em fo-

---

[2] Em carta de 11 de abril de 1936 dirigida a Ezequiel Martínez Estrada, Quiroga se pergunta: "Que pode oferecer o deserto a um homem, se este não se empenha em fazer dele um paraíso?" In: *Cartas inéditas de Horacio Quiroga*. Montevideo: Instituto Nacional de Investigaciones e Archivos Literarios, 1959. p.94/5. Prólogo y notas de Arturo S. Visca.

Digitalizado com CamScanner

lhetim.[3] Nesses relatos, a vida aparece como um jogo de ilusões macabras (como no conto "El espectro", em que um casal de amantes, tendo enganado o marido e o amigo, não consegue fruir de seu idílio por causa de uma alucinação que é fruto do remorso), ou concebida como uma frívola e amável ilusão do impostor que tão-só em sonhos pode seduzir plenamente o objeto de seu desejo (como em "Dorothy Phillips, minha esposa"). Isto no âmbito urbano e apelando ao cinema como cenografia e também como recurso vanguardista (mudanças de posição no ponto de vista narrativo, emprego do *racconto*, saltos no tempo etc.). No meio "natural", no deserto chaquenho ou na selva missioneira, a vida é quase um rumor insignificante e é preciso lutar por ela até o limite das forças (como em "A la deriva", "El desierto", "Los pescadores de vigas", "El hombre muerto", "El hijo"). Ou é a

---

[3] Sergio Faraco traduziu um conjunto de oito contos pertencentes a vários dos livros citados, além do relato "Una noche de Edén" (Uma noite no Éden), que não foi incluído em livro por Quiroga: *Vozes da selva*. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1994. Seleção, prólogo, bibliografia, cronologia e notas de Pablo Rocca. Faraco também traduziu *Historia de un amor turbio* (História de um louco amor). Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1998. Posfácio de Pablo Rocca, e, para a mesma editora, *Pasado amor*, a sair.

Digitalizado com CamScanner

irreparável perda de algo indefinível que se deixou de lado para assumir o pleno gozo de ter estado vivo ("Los desterrados"). Ou significa uma mescla de ternura, indirerença, humor e comiseração ("Los destiladores de naranja", "La cámara escura").

II

Uma zona bem nutrida da obra quiroguiana se encontra nas histórias de amor ou, ao menos, naquelas em que uma mulher (ou mais de uma) perturba ou revela um homem, seja este personagem ou narrador ou as duas figuras combinadas. Um quinto de tudo o que escreveu tem a ver com essa temática, opção que – segundo já foi estudado – obedece em grande medida à necessidade-compulsão de Quiroga de introduzir-se no mercado literário "feminino", um público em expansão e atento consumidor das revistas de atualidades.[4] Nos con-

---

[4] ROCCA, Pablo. *Horacio Quiroga: el escritor y el mito.* Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1996. p.67/75. ROCCA, Pablo. Mujer y privacidad en la literatura uruguaya. In: BARRÁN, José Pedro, CAETANO, Gerardo & PORZECANSKI, Teresa (directores). *Historias de la vida privada en el Uruguay. 2. El nacimiento de la intimidad, 1870-1920.* Montevideo: Taurus, 1996. p.147/73.

Digitalizado com CamScanner

tos em que predomina o núcleo amoroso, a mulher sempre significa um motivo de fracasso para o homem, embora as versões femininas oscilem entre dois extremos: desde a mulher que se deseja e até se possui sexualmente, claro que às costas da esposa ou noiva oficial (como em *Una estación de amor* ou na novela *Pasado amor*), até a outra que, quase sempre adolescente, é desejada, mas com a qual não se consegue chegar ao ato sexual. Essa forma de amor *turbio*[5] decerto era produtiva e muito excitante para as martirizadas consciências das jovens leitoras, prisioneiras das convenções e dos rigores morais da época. O sensabor do fracasso afetivo e a habitual insatisfação erótica que imperam nos relatos de Quiroga funcionariam como uma espécie de purificação dos ânimos, uma *catharsis* para as pulsões sexuais mais intensas e reprimidas.

Una estación de amor, relato de aparência simples, esconde um complexo de problemas narrativos. O espaço das ações se distribui em diversos sítios, mas só em alguns ocorrem momentos significativos da história. Concórdia, pequena cidade costeira argentina, fun-

[5] Referência à novela *Historia de un amor turbio*. (NT)

Digitalizado com CamScanner

ciona como eixo de toda a primeira metade do relato (*Primavera* e *Verão*): é o lugar do encontro do jovem par, Octávio Nébel e Lídia; chegam ambos até ali e dali saem rumo às capitais rio-platenses. No entanto, somente Buenos Aires será recriada na terceira seção (*Outono*), como o lugar onde os noivos de outrora celebram, por intermédio da mãe de Lídia, um "contrato" de amantes: "o amor puro em toda a sua aura de poético idílio" se resolverá com uma cópula cheia de culpas na seção final (*Inverno*), isso já na fazenda de Octávio situada na província de Entre Ríos. Há espaços *em ausência*, entendido isto num duplo sentido: tanto porque neles os episódios não são representados, como porque para eles se dirigem – ou ali se encontram – alguns personagens, cuja falta modifica o ocorrido nos espaços *em presença*. Dito de forma mais concreta: em *Verão*, informa-se que Lídia e os seus cruzaram o Rio Uruguai e passarão a noite em Salto, seguindo depois para Montevidéu. Na penúltima seção (*Outono*), Octávio Nébel pode hospedar as mulheres que reencontra em Buenos Aires porque sua esposa está na Europa. Nada "vê" o leitor desses espaços, mas sem eles não seriam possíveis os distanciamentos físicos e afetivos

Digitalizado com CamScanner

e tampouco, inversamente, o dispositivo que permite reunir de novo os antigos noivos e, ao mesmo tempo, consumar-se a traição à esposa. Esse consagrado "espaço da falta" delimita, de algum modo, o centro das ações narradas, e dentro dessa estratégia, as idéias de viagem e travessia encontram seus sentidos mais fortes. Porque nas relações afetivas não há nada além de transitoriedade e faíscas de paixão – destruídas pelos preconceitos, pelo cálculo e pelas manobras dos adultos –, ao que se somam a inexperiência dos jovens e a reprodução mais ou menos fiel dessas condutas quando já não são tão jovens. Viajar, no relato, tem esta implicação: mover-se no tempo, fugir diante dos desafios do espaço. Por isso Nébel e Lídia entram em contato e se distanciam *em movimento*: primeiro durante o rito libertador do carnaval burguês e "civilizado", mas onde ainda se pode transgredir algum limite da cidade provinciana. Por isso entram e saem de Concórdia. Por isso voltam a ter contato, através da mãe, num bonde em Buenos Aires, quando já passado certo tempo – e na cosmópolis a máquina moderna é entendida como *topos* democratizador. Por isso também se despedem numa estação de trem. E enquanto o trem par-

Digitalizado com CamScanner

te, Nébel permanece quieto, olhando, mas Lídia não vem à janela. Seu olhar não correspondido significa o triunfo da imobilidade. E essa quietude destrói, agora para sempre, todo o resto do amor possível.

O autor altera a correspondência que, nessas regiões, cumpre-se entre os meses do ano e as estações, dado que o relato começa numa *Primavera* que cai no carnaval – um fevereiro de ano indeterminado que, a rigor, deveria ser situado no verão. Como é evidente, Quiroga apela ao estereótipo de origem romântica em que a primavera funciona como metáfora do florescimento do "quase infantil namoro": ele com dezoito anos, ela com quatorze, um jovem par já com ardores que ele sabe conter e que ela não dissimula. Assim como a temperatura aumenta na estação subseqüente, em *Verão* sobem os graus eróticos e os desencontros, fervem os interesses mesquinhos e egoístas dos pais, as iras, as indecisões e, por fim, explodem os adeuses. Se as duas primeiras estações transcorrem num semestre – com uma pequena interrupção até o regresso de Octávio a Concórdia –, as duas últimas (*Outono* e *Inverno*) não passam de um mês, isso onze anos depois. A "burguesa histérica" de trinta e sete

Digitalizado com CamScanner

anos, que era apetecível aos olhos do rapaz, converte-se num espectro morfinômano, humilhada e na miséria. A menina angelical perde "candura e frescor", mas ganha em sensualidade. O rapaz indeciso e sujeito aos ditames do severo pai, depois da morte deste torna-se um perfeito burguês. Tudo e todos mudaram.

Em 1944 apareceu o conto *Bienvenido Bob*, de Juan Carlos Onetti (1909-1994). Bob é um jovem que desafia o mundo e despreza o noivo de sua irmã Inês, "um homem feito, isto é, desfeito". Quando chega aos trinta anos e é identificado por seu nome completo (Roberto), "se embebeda com qualquer coisa [...] e está casado com uma mulher gorda a quem chama de *minha senhora*". E se afunda, definitivamente, no "tenebroso e malcheiroso mundo dos adultos". O Nébel de *Una estación de amor* se distingue do protagonista do conto onettiano porque não se rebela contra a autoridade do pai, um honrado viúvo, nem se anima a investir contra as convenções burguesas. Lídia, por sua vez, não é mais do que uma marionete de sua mãe e esta é amante de um advogado que logo desaparece da cena. No fundo, porém, o foco é muito parecido, posto que nos dois casos os adultos, com suas imposições e valores,

Digitalizado com CamScanner

corrompem a pureza dos jovens e desenham o quadro ético que aplica ferrolhos à liberdade, acabando por induzir condutas que os jovens repetirão – com variantes, mas sempre com culpa – ao também chegarem à condição de adultos. Nos dois contos falta o afeto dos pais: não há imagens de mãe ou pai em Onetti. No relato quiroguiano, Nébel não tem mãe e seu progenitor só está presente para lhe apontar deveres e perigos. O doutor Arrizabalaga, por sua vez, é um simulacro paterno para Lídia.

Há, contudo, outra diferença substancial entre os dois grandes narradores uruguaios. Onetti ataca sem piedade o *status* da moral burguesa. Quiroga, embora ensaie um gesto de ataque, termina por situar-se ambiguamente ante as raízes dessa moral, pois, uma vez consumado o ato sexual entre os adultos Lídia e Nébel, o narrador olha através dos olhos do homem, que se sente "inerte ao lado daquela mulher que conhecera o amor antes que ele tornasse a aparecer [...]. Nébel guardara essa lembrança sem mancha – pureza imaculada de seus dezoito anos – e agora ela jazia ali, enlameada até a raiz, numa cama de empregada". Além disso, ao despedir-se, Lébel dá a Lídia a imensa quantia de dez mil pesos, que ela aceita não

Digitalizado com CamScanner

sem estremecer. A mulher – tal como a concebe Quiroga – não é mais do que um sujeito passivo ou um ser degradado pelo dinheiro, isto é, pelo símbolo do capitalismo que se impunha sem contemplação na época da composição deste texto: o homem podia governá-la enquanto manejava o dinheiro. Visto desta perspectiva, o relato resistiria melhor àquela interpretação que lhe atribui certa ambigüidade. Seja como for, no Rio da Prata poucas história de amor (ou melhor, de desamor) imaginaram uma despedida tão comovedora, poucas obtiveram um final de semelhante beleza.

Digitalizado com CamScanner

Cronologia

Digitalizado com CamScanner

1878

A 31 de dezembro, em Salto (Uruguai), nasce Horacio Silvestre Quiroga Forteza, filho de Prudencio Quiroga e Juana Petrona Forteza.

1879/89

Morre Prudencio Quiroga, vítima de um disparo acidental de sua própria arma. Quiroga estuda, em Salto, numa escola fundada por maçons.

1890/95

Freqüenta o Instituto Politécnico, em Salto, e o Colégio Nacional, em Montevidéu. A mãe se casa com o argentino Ascensio Barcos.

1896

Suicida-se o padrasto. Com três amigos, forma em Salto um grupo literário. Lêem poetas franceses e escrevem poemas. Quiroga apaixona-se por Maria Ester Jurkowski, mas o romance não prospera em virtude da oposição da família dela. Mais

Digitalizado com CamScanner

tarde, esse caso amoroso daria o argumento para a novela *Una estación de amor*.

1897

Viaja de bicicleta de Salto a Paysandú, uma proeza na época.

1898

Na imprensa de Salto aparece seu primeiro artigo, sobre ciclismo. No verão, vai a Buenos Aires e conhece o poeta argentino Leopoldo Lugones, cuja obra admira.

1899

Publica seu primeiro conto e lê Charles Baudelaire, Edgar Allan Poe e Lugones. Colabora na *Revista de Salto*.

1900

Viaja à Europa. Em Paris, participa de uma corrida de bicicleta no Parc de Princes. No Café Cyrano, conhece Rubén Darío. Ao retornar, decide permanecer em Montevidéu, onde retoma o grupo literário com os amigos de Salto. Obtém o segundo prêmio num concurso de contos, concorrendo com dezenas de escritores da América espanhola. Da comissão julgadora fazem parte os conhecidos autores uruguaios Javier de Viana e José E. Rodó.

1901

Recebe em Montevidéu a visita de Lugones. Morrem dois de seus irmãos, Pastora e Prudencio.

Digitalizado com CamScanner

Aparece seu livro de estréia, *Los arrecifes de coral*, de poemas e relatos.

1902

Em março, mata o poeta Federico Ferrando com um tiro acidental da pistola. Desesperado, tenta suicidar-se num poço, sendo contido por amigos. Depois de provar sua inocência muda-se para Buenos Aires.

1903

Leciona castelhano no Colégio Britânico de Buenos Aires e participa de uma expedição às ruínas jesuíticas, chefiada por Lugones.

1904

Publica *El crímen del otro*, contos. Adquire um campo perto de Resistência, no Chaco, para plantar algodão.

1905

Com o fracasso da plantação, retorna a Buenos Aires. Começa a colaborar no semanário *Caras y Caretas*.

1906

É nomeado professor de castelhano e de literatura na Escola Normal nº 8. Nas férias, vai a San Ignacio, em Misiones, onde adquire 185 hectares de terra com a intenção de plantar erva-mate.

Digitalizado com CamScanner

1907

Continua lecionando em Buenos Aires e namora uma aluna, Ana María Cirés, "menina de 15 anos, loura, de olhos azuis e caráter reservado", enfrentando novamente a oposição dos pais.

1908

Publica as novelas *Los perseguidos* e *Historia de un amor turbio*. Viaja a San Ignacio para construir a casa onde pretende morar.

1909

Publica mais de uma dezena de contos em *Caras y Caretas*. A 30 de dezembro casa-se com Ana María Cirés.

1910

Quiroga e Ana María se transferem para San Ignacio.

1911/1912

A 29 de janeiro nasce Eglé, primeira filha do casal. Quiroga cultiva erva-mate e produz suco de laranja, doce de amendoim, mel e carvão. Renuncia ao magistério em Buenos Aires e, no mesmo ano, é nomeado juiz de paz e oficial do registro civil, funções que exerce com pouca ou nenhuma dedicação. A 15 de fevereiro de 1912 nasce o filho Darío.

Digitalizado com CamScanner

1913/1914

Ana María não se adapta à vida na selva e são constantes os desentendimentos do casal. Quiroga continua trabalhando afanosamente em suas plantações.

1915/1916

A 14 de dezembro Ana María se suicida, ingerindo forte dose de veneno. Quiroga permanece na selva com os dois filhos pequenos, mas, no final de 1916, retorna a Buenos Aires.

1917

A 17 de fevereiro, por gestões de amigos, é nomeado contador do Consulado Geral do Uruguai. Publica *Cuentos de amor de locura y de muerte*, obra que rapidamente se esgota.

1918

Publica *Cuentos de la selva (para los niños)*.

1919

Escreve dezenas de notas sobre filmes, numa época em que os intelectuais vêem o cinema como arte menor.

1920

No Uruguai, seu amigo Baltasar Brum chegara à Presidência da República. Vai com freqüência a Montevidéu, levando outros escritores, entre eles a poetisa Alfonsina Storni, com a qual tem um caso amoroso. Publica o livro de contos *El salvaje*.

Digitalizado com CamScanner

1921

Publica *Anaconda*, contos. Em fevereiro, estréia no Teatro Apolo sua peça *Las sacrificadas*, versão dramática de *Una estación de amor*. Conhece Jorge Luis Borges, que recém voltara da Europa.

1922

Por designação do Presidente Brum, viaja ao Rio de Janeiro como membro da embaixada uruguaia nos festejos do centenário da independência brasileira. Ao regressar, passa por Melo para conhecer Juana de Ibarbourou.

1923

Publica contos na imprensa e seus primeiros ensaios sobre a criação literária.

1924

Publica *El desierto*, contos.

1925

Passa as férias em Misiones, preparando seu retorno à selva. Publica seu conhecido *Manual del perfecto cuentista*.

1926

De volta a Buenos Aires, aluga uma casa de campo em Vicente López. Numa das viagens que faz para lá, de trem, conhece sua futura segunda esposa, uma jovem de 18 anos, María Elena Bra-

Digitalizado com CamScanner

vo. Publica seu livro mais elogiado pelos críticos: *Los desterrados*.

1927

Publica o seu *Decálogo del perfecto cuentista*. A 16 de julho, casa-se com María Elena Bravo.

1928

Nasce a filha do segundo casamento. Recebe o mesmo nome da mãe, mas a chamam de Pitoca.

1929

Publica a novela *Pasado amor*, que vende apenas 50 exemplares.

1930

Desde 1927 seus amigos no Uruguai estão afastados do poder e o controle de suas atividades no consulado torna-se mais severo. É criticado por escritores da nova geração e, em casa, surgem as primeiras rusgas conjugais.

1931

De parceria com Leonardo Glusberg publica o livro *Suelo natal*, mais tarde adotado como livro escolar.

1932

Vai para Misiones com María Elena e a filha, conseguindo, no entanto, manter o cargo diplomático, a ser exercido na selva.

Digitalizado com CamScanner

1933

María Elena, como Ana María, não se adapta ao isolamento e as brigas recomeçam. A 31 de março, Gabriel Terra fecha o parlamento no Uruguai e seus amigos são totalmente alijados do centro das decisões. Suicida-se seu protetor, o ex-presidente Baltasar Brum.

1934

Em abril é destituído de seu cargo público e passa a enfrentar graves problemas financeiros.

1935

Publica *Más allá*, contos. Alguns amigos, entre eles o escritor Enrique Amorim, obtêm do governo sua nomeação como cônsul honorário, com vencimentos, numa homenagem da nação uruguaia ao seu talento.

1936

A crise conjugal se agrava e María Elena retorna a Buenos Aires com a filha. Na solidão da selva, relê Dostoievski e se encanta com novos narradores norte-americanos, como Hemingway e Caldwell. Em setembro, adoentado, viaja para Buenos Aires, internando-se no Hospital de Clínicas. María Elena o assiste com dedicação.

1937

Os médicos revelam que seu mal é irremediável: um câncer gástrico. Na madrugada de 18 para

Digitalizado com CamScanner

19 de fevereiro, suicida-se com cianureto. É velado na Casa do Teatro, sede da Sociedade Argentina de Escritores. Pouco depois suas cinzas são transportadas para o Parque Rodó, em Salto. Entre os numerosos escritores presentes à solenidade, encontram-se Juan José Morosoli e Jorge Luis Borges.

1939

Suicida-se Eglé.

1954

Suicida-se Darío.

1988

Suicida-se María Elena, a Pitoca.

Digitalizado com CamScanner

Coleção L&PM POCKET

1. **Todas as Histórias do Analista de Bagé** – Luis Fernando Verissimo
2. **Poesias** – Fernando Pessoa
3. **O Livro dos Sonetos** – org. Sergio Faraco
4. **Hamlet** – Shakespeare – trad. Millôr Fernandes
5. **Isadora, Fragmentos autobiográficos** – Isadora Duncan
6. **Histórias Sicilianas** – Giuseppe di Lampedusa
7. **O Relato de Arthur Gordon Pym** – Edgar Allan Poe
8. **A Mulher mais Linda da Cidade** – C. Bukowski
9. **O Fim de Montezuma** – Hernan Cortez
10. **A Ninfomania** – D. T. Bienville
11. **As Aventuras de Robinson Crusoé** – Daniel Defoe
12. **Histórias de Amor** – A. Bioy Casares
13. **Armadilha Mortal** – Roberto Arlt
14. **Contos de Fantasmas** – Daniel Defoe
15. **Os Pintores Cubistas** – G. Apollinaire
16. **A Morte de Ivan Ilitch** – L.Tolstoi
17. **A Desobediência Civil** – David Henry Thoreau
18. **Liberdade, Liberdade** – Flávio Rangel e Millôr Fernandes
19. **Cem Sonetos de Amor** – Pablo Neruda
20. **Mulheres** – Eduardo Galeano
21. **Cartas a Théo** – Van Gogh
22. **Don Juan, o Convidado de Pedra** – Molière – Tradução e adaptação de Millôr Fernandes
23. **A Mulher do Silva** – L. F. Verissimo
24. **Contos Fantásticos: Horla & Outras Histórias** – Guy de Maupassant
25. **O Caso de Charles Dexter Ward** – H. P. Lovecraft
26. **Vathek** – William Beckford
27. **Hai-Kais** – Millôr Fernandes
28. **Adeus, Minha Adorada** – Raymond Chandler
29. **Cartas Portuguesas** – Mariana Alcoforado
30. **A Mensageira das Violetas** – Sonetos – Florbela Espanca
31. **Espumas Flutuantes** – Castro Alves

Digitalizado com CamScanner

32. **Dom Casmurro** – Machado de Assis
33. **Ed Mort - Todas as Histórias** – Luis Fernando Verissimo
34. **Alves & Cia.** – Eça de Queiroz
35. **Uma Temporada no Inferno** – Arthur Rimbaud
36. **A Correspondência de Fradique Mendes vol.1 – Memórias e Notas** – Eça de Queiroz
37. **A Correspondência de Fradique Mendes vol. 2 – As Cartas** – Eça de Queiroz
38. **Antologia Poética** – Olavo Bilac – Seleção de Paulo Hecker Fº
39. **Rei Lear** – W. Shakespeare – Trad. de Millôr Fernandes
40. **Memórias Póstumas de Brás Cubas** – Machado de Assis
41. **Que Loucura!** – Woody Allen
42. **O Duelo** – Casanova
43. **A Mãe do Freud** – Luis Fernando Verissimo
44. **Gentidades** – Darcy Ribeiro
45. **Memórias de um Sargento de Milícias** – Manuel Antônio de Almeida
46. **Os Escravos** – Castro Alves
47. **O Desejo pego Pelo Rabo** – Pablo Picasso
48. **Os Inimigos** – Máximo Gorki
49. **O Colar de Veludo** – Alexandre Dumas
50. **Livro dos Bichos** – Org. de Sergio Faraco
51. **Quincas Borba** – Machado de Assis
52. **O Marido do Dr. Pompeu** – Luis Fernando Verissimo
53. **O Exército de um Homem Só** – Moacyr Scliar
54. **Frankenstein** – Mary Shelley
55. **Dom Segundo Sombra** – Ricardo Güiraldes
56. **De Vagões e Vagabundos** – Jack London
57. **O Homem Bicentenário** – Isaac Asimov
58. **A Viuvinha** – José de Alencar
59. **Livro das Cortesãs** – Org. de Sergio Faraco
60. **Últimos Poemas** – Pablo Neruda
61. **A Moreninha** – Joaquim Manuel de Macedo
62. **Cinco Minutos** – José de Alencar
63. **Saber Envelhecer e A Amizade** – Cícero
64. **Enquanto a Noite Não Chega** – Josué Guimarães

Digitalizado com CamScanner

65. **Tufão** – Joseph Conrad
66. **Aurélia** – Gérard de Nerval
67. **I-Juca-Pirama** *seguido de* **Os Timbiras** – Gonçalves Dias
68. **Fábulas de Esopo**
69. **Teresa Filósofa** – Anônimo do Séc. XVIII
70. **Aventuras Inéditas de Sherlock Holmes** – A. C. Doyle
71. **Antologia Poética** – Mario Quintana
72. **Antes e Depois** – Paul Gauguin
73. **A Morte de Olivier Bécaille** – Émile Zola
74. **Iracema** – José de Alencar
75. **Iaiá Garcia** – Machado de Assis
76. **Utopia** – Tomás Morus
77. **Sonetos para Amar o Amor** – Luis Vaz de Camões
78. **Carmem** – Prosper Mérimée
79. **Senhora** – José de Alencar
80. **Hagar, o Horrível 1** – Dik Browne
81. **O Coração das Trevas** – Joseph Conrad
82. **Um Estudo em Vermelho** – Sir Arthur Conan Doyle
83. **Todos os Sonetos** – Augusto dos Anjos
84. **A Propriedade é um Roubo** – P.-J. Proudhon
85. **Drácula** – Bram Stoker
86. **O Marido Complacente** – Marquês de Sade
87. **De Profundis** – Oscar Wilde
88. **Sem Plumas** – Woody Allen
89. **Os Bruzundangas** – Lima Barreto
90. **O Cão dos Baskervilles** – Sir Arthur Conan Doyle
91. **Paraísos Artificiais** – Charles Baudelaire
92. **Cândido, ou O Otimismo** – Voltaire
93. **Triste Fim de Policarpo Quaresma** – Lima Barreto
94. **Amor de Perdição** – Camilo Castelo Branco
95. **Megera Domada** – William Shakespeare – Tradução de Millôr Fernandes
96. **O Mulato** – Aluísio Azevedo
97. **O Alienista** – Machado de Assis
98. **O Livro dos Sonhos** – Jack Kerouac
99. **Noite na Taverna** – Álvares de Azevedo

Digitalizado com CamScanner

100. **Aura** – Carlos Fuentes
101. **O Suicida e o Computador** – Luis Fernando Verissimo
102. **Contos Gauchescos e Lendas do Sul** – Simões Lopes Neto
103. **O Cortiço** – Aluísio Azevedo
104. **Marília de Dirceu** – Tomás Antônio Gonzaga
105. **O Primo Basílio** – Eça de Queiroz
106. **O Ateneu** – Raul Pompéia
107. **Um Escândalo na Boêmia** – Sir Arthur Conan Doyle
108. **Contos** – Machado de Assis
109. **200 Sonetos** – Luis Vaz de Camões
110. **O Príncipe** – Maquiavel
111. **A Escrava Isaura** – Bernardo Guimarães
112. **O Solteirão Nobre** – Sir Arthur Conan Doyle
113. **Sexo na Cabeça** – Luis Fernando Verissimo
114. **Shakespeare de A a Z (Livro das Citações)** – William Shakespeare
115. **A Relíquia** – Eça de Queiroz
116. **Orgias** – Luis Fernando Verissimo
117. **O Livro do Corpo** – Vários (org. de Sergio Faraco)
118. **Lira dos 20 anos** – Álvares de Azevedo
119. **Esaú e Jacó** – Machado de Assis
120. **A Barcarola** – Pablo Neruda
121. **Os Conquistadores** – Júlio Verne
122. **Contos Breves** *seguido de* **O Mago Apodrecido** – G. Apollinaire
123. **Taipi** – Herman Melville
124. **Livro dos Desaforos** (Poesias) – Org. de Sergio Faraco
125. **A Mão e a Luva** – Machado de Assis
126. **Doutor Miragem** – Moacyr Scliar
127. **O Penitente** – Isaac B. Singer
128. **Diários da Descoberta da América** – Cristóvão Colombo
129. **Édipo Rei** – Sófocles
130. **Romeu e Julieta** – William Shakespeare
131. ***Hollywood*** – Charles Bukowski
132. ***Billy the Kid*** – Pat Garrett
133. **Cuca Fundida** – Woody Allen

Digitalizado com CamScanner

134. **O Jogador** – Dostoiévski
135. **O Livro da Selva** – Rudyard Kipling
136. **O Vale do Terror** – Sir Arthur Conan Doyle
137. **Dançar Tango em Porto Alegre** – Sergio Faraco
138. **O Gaúcho** – Carlos Reverbel
139. **A Volta ao Mundo em Oitenta Dias** – Júlio Verne
140. **O Livro dos Esnobes** – W. M. Thackeray
141. **Amor & Morte em Poodle Springs** – Raymond Chandler & Robert Parker
142. **As Aventuras de David Balfour** – Robert L. Stevenson
143. **Alice no País das Maravilhas** – Lewis Carroll
144. **A Ressurreição** – Machado de Assis
145. **Inimigos, uma História de Amor** – Isaac. B. Singer
146. **O Guarani** – José de Alencar
147. **Cidade e as Serras – Eça de Queiroz**
148. **Eu e Outras Poesias** – Augusto dos Anjos
149. **A Mulher de Trinta Anos** – Honoré de Balzac
150. **Pomba Enamorada e outros contos** – Lygia Fagundes Telles
151. **Contos Fluminenses** – Machado de Assis
152. **Antes de Adão** – Jack London
153. **Intervalo Amoroso e outros poemas escolhidos** – Affonso Romano de Sant'Anna
154. **Memorial de Aires** – Machado de Assis
155. **Naufrágios e Comentários** – Álvar Nuñes Cabeza de Vaca
156. **Ubirajara** – José de Alencar
157. **Textos Anarquistas** – Michael Alexandrovich Bakunin
158. **O Pirotécnico Zacarias** – Murilo Rubião
159. **Amor de Salvação** – Camilo Castelo Branco
160. **O Gaúcho** – José de Alencar
161. **O Livro das Maravilhas** – Marco Polo
162. **Inocência** – Visconde de Taunay
163. **Helena** – Machado de Assis
164. **Uma Estação de Amor** – Horacio Quiroga

Sabinus me deu este livro.

Digitalizado com CamScanner